



Guido Carli

Stí ani géra... CUSSÍ

**Antigamente
era assim**

Antigamente



Fundação Pró-Memória
60a Diretoria do DF

Stí àni géra ... cussí

Piccole storie in dialeto veneto in versi e prosa

Antigamente era assim

Pequenas histórias em dialeto vêneto em verso e prosa



[REDACTED]
Avenida Goiás, 600 - Centro
São Caetano do Sul (SP)
CEP 09521-300
Telefones: 441-9008 - 441-7420
www.mp.usp.br/fpm



Este livro integra o *Projeto Editorial da Fundação Pró-Memória*, denominado *Ensaios*, no período administrativo 1997-2000 (prefeito Luiz Olinto Tortorello), cujo objetivo é resgatar a História do Município e da região através da publicação de pesquisas e documentos inéditos.

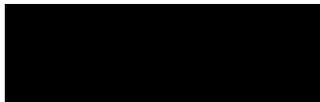
Guido Carli

Stí àni géra ... cussí

Picole storie in dialeto veneto in versi e prosa

Antigamente era assim

Pequenas histórias em dialeto vêneto em verso e prosa



ISBN 85-86788-10-4
Feito o depósito legal

Fundação Pró-Memória - Série Ensaios
Direção: Aleksandar Jovanovic

FICHA CATALOGRÁFICA

850 CARLI, Guido
C 278s Sti àni géra... cussí: piccole storie in dialeto veneto in versi e prosa; Antigamente era assim: pequenas histórias em dialeto vêneto em verso e prosa./ Guido Carli. - - Projeto Editorial da Fundação Pró-Memória; São Caetano do Sul; 1999./ 222 p./

I.Literatura Italiana 2.Verso - Prosa II.Título

CDD 850

Ficha composta por: Jussara Ferreira Muniz

Prefácio

Registros históricos em *poemas*

Convidado por meu amigo Guido Carli para escrever o prefácio deste livro, vi-me envolvido num problema nunca equacionado por mim. Preocupou-me sobre maneira, pois descarregava sobre minhas costas significativa responsabilidade na apresentação da obra.

Como o desafio é sempre inebriante, porque embala sonhos e conforta o espírito dos inquietos, resolvi aceitar a incumbência, porque trabalho dessa natureza é sempre uma tarefa dignificante e honrosa.

Guido Carli sempre foi um italiano patriota e nunca negou a sua terra natal. Por isso, sempre afirmou que sua terra é a Itália geográfica e a do coração; o Brasil, sua pátria adotiva. Foi aqui que se casou e constituiu família com toda a liberdade da alma, sonho comum de quase todo imigrante italiano vindo para este País. "*... il sogno comune zera catar il posto dove fusse possibile vivere la libertà del ànima e la libertà del stómeço*".⁽¹⁾

Conheci Guido Carli, autor desta obra, por volta do ano de 1955, quando trabalhávamos na mesma indústria, Fundação Sofunge S.A., onde ele exercia o cargo de desenhista projetista de máquinas.

Por força das funções que exercíamos dentro da empresa, e porque ele também morava em São Caetano do Sul, viajando sempre juntos, nosso relacionamento foi se tornando cada vez maior e mais liberal. Nossa idéias se harmonizavam e os nossos ideais eram exatamente idênticos. Eu o admirava pela sua competência profissional, sua forma de viver e outras infindáveis qualidades que lhe eram peculiares, raras nas pessoas do meu círculo de amizade.

Nunca, mesmo depois de tantos anos de convívio com ele, me passou pela cabeça que nas veias do Guido corresse sangue de escritor capaz de produzir um trabalho artístico, em verso e em prosa, como o da presente obra.

Sti ani gèra... cùssi descreve fatos, em verso e prosa, ocorridos durante o período de vinte e quatro anos, na terra natal do autor - entre 1926 e 1950, em Schio, Província de Vicenza, na Itália - durante a sua infância, puberdade e parte da vida adulta. A obra, escrita originalmente no dialeto vênето, foi literalmente traduzida para o idioma português pelo próprio autor.

Seu conteúdo envolve acontecimentos e costumes, notáveis, dramáticos, cômicos e fatos folclóricos, sociais, políticos, religiosos, etc, relatados de maneira graciosa, quando lidos no vernáculo vênето.

A prosa e os versos apresentados, embora não seguindo rigidamente as formas das composições poéticas, muitos se assemelham às poesias na sua extensão e enredo. O autor demonstra caráter idealista, imaginativo e inspirador, quando enreda os episódios assentados no trabalho.

O livro não é apenas uma obra literária, mas é, também, o registro histórico de um idioma que, por muitos anos, foi falado em São Caetano do Sul e em outras partes do Brasil, na época da colonização italiana. É o assentamento de uma linguagem que, embora não sendo quase mais praticada nesta cidade, é ainda, conhecida e compreendida por muitas pessoas, descendentes ou não dos imigrantes italianos que aqui se fixaram.

Com certeza, cada descendente, de linha direta ou colateral das gerações existentes e futuras, apreciará possuir em seu lar, um exemplar desta obra, visto que, a leitura dos *poemas* originais lhes trará muitas recordações de familiares e de amigos descendentes ou não de *oriundi*.

São Caetano do Sul, 1999

Henry Veronesi

(1) - *In dialetto, osservazioni sullo spettacolo teatrale De la del mar.* -
Costa Rovilio.



1 - Operárias da Tecelagem Corielli, na Província de Vicenza

2 - Cervejaria Real Summano, em Piovene Rocchette, na Província de Vicenza

3 - Campanário de Serlio, na cidade de Thiene, na Província de Vicenza

4 - Igreja da Natividade

5 - Igreja de Santa Luzia, cujo portal data do século XVII

6 - Imagens da feira de San Giovanni Battista al Bosco, no final do século XIX

7 - Libera e Caetana Carli, em roupas típicas das mulheres italianas de antigamente

Indise (en dialeto veneto)

<i>Giavenale in mèso al mondo</i>	22
<i>Le mudande de me nòna</i>	24
<i>1° de agosto</i>	26
<i>Tratoria</i>	28
<i>La dònna pí bèla</i>	30
<i>Ciacolar coi botuni</i>	32
<i>Quatro piè, do scarpe</i>	34
<i>Scóla cantorum</i>	36
<i>I Poaréti</i>	38
<i>Èssare fortunà</i>	40
<i>La vosse del parón</i>	42
<i>I eroi de guerra</i>	44
<i>I dù volontari</i>	46
<i>La comàre de tuti</i>	48
<i>La vècia Neni</i>	50
<i>Giacométo</i>	52
<i>Dòne, pésse a go dito</i>	54
<i>Me nòno Giovani casaro</i>	56
<i>La faméja Manfron</i>	58
<i>Gigio Bussolai</i>	60
<i>Silvio el postin</i>	62
<i>La maèstra Pia</i>	64
<i>Radio Catina</i>	66
<i>Me mama Amelia</i>	68
<i>La spolvarìna</i>	70
<i>El barbiero Egidio</i>	72
<i>El morto ressussità</i>	74
<i>El nissól macià</i>	76
<i>Sagra</i>	78
<i>El strássino</i>	80
<i>El monte Suman</i>	82
<i>Fontana publica</i>	84
<i>Far l'amor, stí ani</i>	86
<i>Censimento 1942</i>	88

Índice

Giavenale no meio do mundo	23
A ceroula de minha avó	25
1º de agosto	27
Cantina	29
A mulher mais bela	31
Conversar com os botões	33
Quatro pés, dois sapatos	35
Escola de Canto	37
Os pobres	39
Ter sorte.....	41
A voz do patrão	43
Os heróis de guerra	45
Os dois voluntários	47
A comadre de todos	49
A velha Neni	51
Giacometo	53
Mulheres, peixe, tenho dito	55
Meu avô Giovani queijeiro	57
A família Manfron	59
Luiz Bussolai	61
Silvio, o carteiro	63
A professora Pia	65
Rádio Catina	67
Minha mãe Amélia	69
A capa	71
O barbeiro Egídio	73
O morto ressuscitado	75
O lençol manchado	77
Quermesse	79
Longo véu	81
O monte Summano	83
Torneira pública	85
Namorar, antigamente	87
Censo 1942	89

<i>El capitèlo</i>	90
<i>La campana a mesodi</i>	92
<i>Torcicòlo</i>	94
<i>L'ultimo de l'ano</i>	96
<i>Fornire</i>	98
<i>I síci de rame</i>	100
<i>Filó</i>	102
<i>El trèno</i>	104
<i>El cesso</i>	106
<i>El capèlo de me nòno</i>	108
<i>El sbrégo, el tacon</i>	110
<i>Le sgàlmare</i>	112
<i>Le marene</i>	114
<i>El balo</i>	116
<i>Siopero in ciésa</i>	118
<i>El batesimo</i>	120
<i>Le baléte</i>	122
<i>Le bugànse</i>	124
<i>La mussa</i>	126
<i>La cóрте de le bale</i>	128
<i>I adorni</i>	130
<i>Stirar ... stí ani</i>	132
<i>El vènto</i>	134
<i>Polènta</i>	136
<i>Cambia el tempo</i>	138
<i>I cavèi de le dònè</i>	140
<i>Cavài de fèro</i>	142
<i>Album de la faméja</i>	144
<i>Pìppo</i>	146
<i>El campanelo</i>	148
<i>El paiàro</i>	150
<i>Bicicleta</i>	152
<i>La serenata</i>	154
<i>Campane</i>	156
<i>L'aquilone</i>	158
<i>El stramàssò</i>	160

O oratório	91
O sino do meio-dia.....	93
Torcicolo	95
O último dia do ano	97
Enfeitar	99
Os baldes de cobre	101
Serão	103
O trem	105
A latrina.....	107
O chapéu de meu avô.....	109
O rasgo, o remendo	111
Sgalmare	113
As raspadinha	115
O baile	117
Greve na igreja	119
O batismo	121
As bolinhas de gude	123
As frieiras	125
A mula	127
Campo de bochas.....	129
Os adornos.....	131
Passar roupa, antigamente	133
O vento	135
Polenta.....	137
Muda o tempo	139
Os cabelos das mulheres	141
Cavalos de ferro.....	143
Álbum de família.....	145
O avião Pippo	147
A campanha	149
O palheiro	151
Bicicleta.....	153
A serenata	155
Os sinos	157
Pipa	159
O colchão.....	161

<i>La cica</i>	162
<i>El vin</i>	164
<i>L'organeto</i>	166
<i>Bestemiar</i>	168
<i>El corpo umano</i>	170
<i>Requiem</i>	172
<i>Lavatòi</i>	174
<i>La to strada</i>	176
<i>Politica</i>	178
<i>Le strasse</i>	180
<i>Late</i>	182
<i>Bazar la reliquia</i>	184
<i>El óvo de legno</i>	186
<i>La méscola</i>	188
<i>El buso de la gucia</i>	190
<i>Bon principio</i>	192
<i>Pinocchio</i>	194
<i>La Stria</i>	196
<i>La grandine</i>	198
<i>El gelataro</i>	200
<i>Òro e fèro vècio</i>	202
<i>Moda</i>	204
<i>Credo</i>	206
<i>Mèsa piena</i>	208
<i>Padre nòstro</i>	210
<i>I emigranti</i>	212
<i>El trato</i>	214
<i>Stufar</i>	216
<i>L'elisir de lunga vita</i>	218
<i>El balón quadrato</i>	220

Os tocos de cigarros	163
O vinho	165
O organeto	167
Blasfemar	169
O corpo humano	171
Requiem	173
Lavadouros	175
A sua estrada	177
Política.....	179
Os trapos	181
Leite.....	183
Beijar a relíquia	185
O ovo de madeira.....	187
O misturador	189
O buraco da agulha	191
Bom princípio	193
Pinóquio	195
A bruxa	197
Chuva de pedras	199
O sorveteiro	201
Ouro e ferro velho	203
Moda	205
Credo	207
Meia cheia	209
Pai nosso	211
Os emigrantes	213
O trato	215
Encher	217
Elixir de longa vida	219
A bola quadrada.....	221

Presentasion

Preparando-me a tornar de novo n'tei posti dove go vissudo fin a 24 ani, go scomincia a recordame de le persone care, dei fati e dele situasion.

Mi go scomincià a scrivare dele piccole storie in dialeto veneto, in versi e prosa. Ghe le portava a me cugin Toni Faresin, anca lu emigrà come mi che le leseva e rileseva, el ghe faséa i so comentì e cùssí i fióli veneti e i nevodi brasiliani i podéa partecipare a sti discorsi, i podea fare tante domande e se parlava e ricordava tante cose.

Tante grassie:

A me cugin Toni (che el ze morto) par el sostegno morale.

A me moiere Enid, par la passión e l'aiuto nela tradussion.

Ala cugina Daniela Danieli, ala poetessa Bruna Cortese

Dalle Carbonare che, in ocasion de la me visita in Italia, le ga vardá i me criti e le me ga iutà a metarli a posto, e mi só stá stomega del me dialeto ben "portughesado".

A go vudo ocasion de lezare e studiare: Proposta per 'na scritta coerente del dialeto veneto, scritto dal circolo de poeti Panocia de Schio.

Apresentação

Preparando-me a voltar de novo aos lugares em que vivi até os 24 anos, passei a relembrar as pessoas queridas, fatos e situações.

Comecei a escrever alguns pequenos contos em dialeto vêneto, em verso e prosa.

Levava-os para o primo Antonio Faresin, também ele imigrante como eu, que, lendo e relendo, deu início a comentários dos quais filhos vênetos e netos brasileiros participavam com perguntas e diálogo, lembrando muitas coisas.

Minha gratidão:

Ao primo Antonio (falecido) pelo incentivo.

À minha esposa Enid, pelo interesse e ajuda na tradução.

À prima Daniela Danieli, à poetisa Bruna Cortese Dalle Carbonare, que, por ocasião de minha visita à Itália, revisaram meus escritos e me ajudaram a colocar em ordem meu dialeto bastante aporuguesado.

Tive oportunidade de ler e estudar a *Proposta para uma grafia coerente do dialeto vêneto*, editada pelo círculo de pretas Panocia espiga de milho de Schio.

Dedico

*Stó modesto libro
a tuti i
vicentini nel mondo
par i vèci ricordarse
e i zovani savère de dove ze vegnù i vèci
e come i ga vissudo
Stí àni
ne la so terra.*

Dedicatória

Dedico este modesto livro
a todos os
vicentinos no mundo ⁽¹⁾
Para os velhos relembrem
e os jovens saberem de onde vieram os velhos
e como viveram
antigamente
em sua terra.

(1) Vicentinos - nascidos na província de Vicenza, região do Vêneto

Giavenale in mèso al mondo

*La ze una storia
de sessanta ani fa.
Tanti vèci i se la ricorda,
altri i se la ga dismentegà.
La gioventú no i la conosse.
La ze cùssi:
Fata la ciésa,
femo em campanile.
Belo, de piera bianca,
alto 48 metri, ció.
Dopo messo, in píe,
che novità.
A mezodi,
el sol a pico,
gnánca ombra el fa.
El sacrestàn Ricardo,
el dise:
- Ció, sémo in mèso al mondo.
L'idea la ga ciapà
e tuti disendo e comentando:
- Giavenale in mèso al mondo.
Tuto colpa del campanile,
fato de óvi,
No, fato com i óvi
che tute le doméneghe,
la beate le andavan tor sù,
de casa'n casa.
Tuti i parochiani colaborava.
Poaréte le galine,
quando le ga suà.
Ma infin col so: cocodé, cocodé...
le voleva dire:
Stemo in mèso al mondo.*

Giavenale no meio do mundo (*)

É uma história
de 60 anos atrás.
Muitos velhos não se lembram,
outros já se esqueceram.
A juventude não a conhece.
Ela é assim:
Feita a igreja, diziam:
- Vamos fazer a torre.
Bonita, de pedra branca,
alta, quarenta e oito metros.
Depois de colocada em pé,
que novidade.
Ao meio-dia,
o sol a pino,
nem sombra ela faz.
O sacristão Ricardo, diz:
- Ora, estamos no meio do mundo!
A afirmação pegou
e todos dizendo e comentando:
- Giavenale no meio do mundo.
Tudo culpa da torre,
feita de ovos.
Não, feita com os ovos,
que todos os domingos,
as beatas vieram recolhendo,
de casa em casa.
Todos os fiéis colaborando.
Pobres das galinhas,
quanto suaram.
Mas, enfim, com o seu cocoricó, cocoricó...
queriam dizer:
- Estamos no meio do mundo.

(*) Giavenale - nome de uma aldeia em Schio

La mudande de me nòna

*Le andava zó
tra i zenòci e le caéce.
Só noialtri de casa le conosevimo
finché una volta... ne la procession...
La ze sucèssa cùssi:
Ne la procession tuti
i gá el so posto marcá.
Me nòna e le altre vèce,
gavéa el so posto strategico.
Le géra sempre le ultime dela fila.
Le gavéa na dupla funsion:
la devozion e védare chi che ghe géra.
El pàroco, dopo ghe domandava:
- Checco del prá alto ghe gerelo?
Le vèce le savéa dirghelo.
- Maria de le Proe?
Le vèce le savéa dirghelo.
La procession andava sí
fin le scòle, la girava
e l'andava zó fin l'ultima casa
e tornava de novo in ciésa.
Nele dò volte che se girava,
la stava tente, chi che ghe géra.
Quela volta, ne la piassa,
la se gà ingambarà e le ze casca.
- Nena, còssa te ze sucèssò?
te ze vegnú male?
- No ció, mi stò bem,
se gà roto l'astico
e le mundande ze andà zò.
La procession la và vanti,
nessun davanti se gà acorto.
I la gà portà daí Farinei
e i ghega messo un spago,
par tegner su le mudande.
La ze andá de corsa,
a ciapar de novo
el so posto strategico.
No le pode perdere
el secondo ritorno
par védare tuti de novo,
e savère dopo, contar
al Pàroco, chi ghe gèra e
chi no, nela procession.*

A ceroula de minha avó

Ela descia
até as canelas.
Só nós de casa conhecíamos
até que uma vez... na procissão...
Aconteceu assim:
Na procissão todos
têm seu lugar definido.
Minha avó e as outras velhas,
tinham o seu lugar estratégico.
Eram sempre as últimas da fila.
Tinham dupla função:
a devoção e olhar quem estava lá.
O pároco, depois lhes perguntava:
- Chico do Campo Alto estava?
As velhas sabiam dizer.
- Maria de Proe?
As velhas sabiam dizer.
A procissão ia para cima
até a escola, e voltava
e descia até o fim da última casa,
e tornava de novo para a igreja.
Nas duas voltas que girava,
elas estavam atentas, vendo quem estava.
Aquela vez, na praça,
ela tropeçou e caiu.
- Nena, o que te aconteceu?
- Você se sentiu mal?
- Não ora, eu estou bem,
rompeu-se o elástico
e a ceroula desceu.
A procissão continua,
ninguém na frente percebeu.
Levaram-na à porta dos Farinei
e amarraram um barbante,
para segurar a ceroula.
Voltaram correndo,
para pegar novamente
o lugar estratégico.
Não podiam perder
o segundo retorno
para ver todos novamente
e saber para depois contar
ao padre quem estava,
ou não, na procissão.

1° de agosto

*La géra... 'na beléssa
Par protegerse daí morseguni
dele vèpare... el primo de Agosto,
bisognava vassinarse.
Tuti, grandi e pùtei,
gnénte café col late,
ma se bevea vin bianco
de quel bon, ostrega.
Proprio ala matina.
El géra un divertimento.
Tuti alegri, anca i seri,
tuti proprio, anca el Pàroco.
Nessun barufava, tuti contenti.
- Ma ghe ze vèpare?
- Si nei boschi, nei campi
dove sémo noialtri, no.
Ma el vin ze bom
vale la pena, vassinarse.
Mantegner la tradission.*

1º de agosto

Era... uma beleza

Para proteger-se das mordidas
das cobras... no 1º de agosto,
precisava vacinar-se.

Todos. Adultos e crianças,
nada de café com leite,
mas bebia-se vinho branco
daquele bom, de verdade.

Logo de manhã.

Era um divertimento.

Todos alegres, também os sérios,
todos mesmo, até o padre.

Ninguém brigava, todos contentes.

- Mas existem cobras?

- Sim, nos bosques, nos campos
onde nós estamos, não.

Mas o vinho é bom,
vale a pena vacinar-se.

Manter a tradição.

Tratoria

*Ghe ne ze tante
da tute le parte.
El Veneto ze pien:
la paróna ze la coga
el paron el camáriero
Se magna próprio bem,
'na delissia; tánti gusti.
Tuta ròba fata con amor.
La presentassion ze l'odore
che vien da la cusìna
La bóca piena de salíva
piati de ròba succulenta,
zó para el stomago.
Come ringraziare?
Prima và pagare e dopo,
rotar par la coga, un omaggio
par farghe "i onori"
Vale un masso de fiori.
Tornar magnare de novo,
el piato che me gà piasso.*

Cantina

Tem muitas,
em todos os lugares,
O Vêneto está cheio:
a patroa é a cozinheira,
O patrão é o garçom.
Come-se bem de verdade,
uma delícia, tantos sabores,
Toda coisa feita com amor.
A apresentação é o odor
que vem da cozinha.
A boca cheia de saliva,
pratos de coisa suculenta,
pelo estômago abaixo:
Como agradecer?
antes vai pagar, e depois...
arrotar para a cozinheira, uma homenagem
como um ato de honra.
Vale um maço de flores.
Voltar a comer de novo,
O prato que me agradou.

La dòna pí bèla

*Ze quella che te ghe sposà.
Te géri mato, innamorà.
Lá in ciésa, ne l'altare,
a te ghe giurá de amare
par tuta la vita.
Ze nati i fióli,
Ze passà i ani.
Dentro la ze ancora bèla,
par fóra la ze frustà,
come ti, ció.
Te savevi le misure,
del manichin suo,
quando te la ghe sposà?
E adesso te lo se?
El tempo ze passà,
la ze pi ingrassà.
Par farghe um regaleto:
un vestito, 'na blusa,
ròba de sóto, calze.
Te compri la misura giusta?
Mi credo de no.
Vuto savère el motivo?
No te la vardi pí,
come te la vardavi na volta.
Te vardi la dòna del vèssin,
che par fata come un violin.
Ti te la ghe cercà,
nessun te gà obligà.
Adesso tientela.*

A mulher mais bela

É aquela que desposou.
Você era louco ao namorar.
Lá na igreja, no altar,
você jurou amá-la
para toda a vida.
Nasceram os filhos,
passaram-se os anos.
No íntimo, ela continua bela;
por fora, é gasta como você.
Você sabia as medidas,
do seu manequim
quando a desposou?
E agora, você sabe?
O tempo foi passando,
ela é mais encorpada.
Para um presente:
um vestido, uma blusa,
roupa de baixo, meias.
Você compra a medida certa?
Eu creio que não.
Quer saber o motivo?
Não a olha mais,
como a olhava há um tempo.
Você olha a mulher do vizinho,
que parece feita como um violão.
Você foi procurá-la,
ninguém obrigou.
Agora fica com ela.

Ciacolar coi botuni

*Stavo pensando da solo,
ciàcolando com i me botuni
Parlar com i botuni?
Botuni i ga casa,
i ga quatro òci, ma non
i ga boca e gnanca réce.
Ze el savére pensarghe.
Má se te vesti,
'na blusa a la marinara,
no te pol farlo.
I aluni i ga dificoltà,
col traversoto, da drìo inbotonà.
El prète com la so tonega,
se el ciàcola co i so botuni,
no la finisse pí.
Col tempo, sta abitudine,
ze vegnu vècia, ze cambià.
Dopo i ga inventà,
la famosa cerniera.
intel posto dei botuni.
Almanco ela la dise...
... calcossa: - zich, zich.*

Conversar com os botões

Estava pensando sozinho,
conversando com meus botões.
Falar com os botões?
Botões têm casa,
têm quatro olhos, mas
não têm boca, nem orelhas.
É a arte de refletir.
Mas vestindo,
uma camisa de marinheiro,
não se pode fazê-lo.
Os alunos têm dificuldade,
com o avental abotoado atrás.
O padre com sua batina,
se for conversar com seus botões,
não acaba mais.
Com o tempo esse hábito,
caiu de moda, mudou.
Depois foi inventado
o famoso zíper,
no lugar dos botões.
Pelo menos ele fala...
... alguma coisa: - rique, rique...

Quatro piè, do scarpe

Bèpi e Toni du fradei
fióli de Gigio Bussolai
I lavorava in fornaria
ghe piaseva àndare balare,
i du ze scapa via dal forno,
e i ga lassá Gigio da solo.
Nol ga dito gnénte...
Passá el tempo e um dí,
i vole um par de scarpe nove.
Gigio compra um par de scarpe,
par i quatro piè dei fióli.
In quanto un lavora.
l'altro pole àndare balare.
Ultima nòte del 'ano.
Toni ghe toca a lavorare,
Bèpi el ze libero par àndare balare.
El pí bel balo ze a Malo.
Toni dopo fati i levá,
co i sòcoli, corre a la festa.
El guardian non lo lassa passare.
Par la finestra ciama Bèpi,
i cambia sòcoli com scarpe.
Com scarpe nei piè, el vá dentro.
La festa géra bèla.
Toni la gà fata pi bèla.
Alegro el gà inboressà tuti.
El gà balà do ore,
bem vestio, elegante,
coi sòcoli nei piè.
Tuti se ga divertio.
A le trè stava nel fórnio,
ciama el popà lavorare,
Che balo, che belo... anca coi sòcoli.

Quatro pés, dois sapatos

José e Antônio, dois irmãos
filhos de Luiz padeiro.
Trabalhavam na padaria,
gostavam de dançar.
Uma vez para ir dançar,
os dois largaram o forno,
deixando Luiz, o pai, sozinho.
Ele não falou nada...
Passou o tempo e um dia,
querem sapatos novos.
Luiz compra um par de sapatos,
para os quatro pés dos filhos.
Enquanto um trabalha,
outro pode ir dançar.
Última noite do ano.
Antônio tem que trabalhar.
José, de folga, para ir ao baile.
O mais famoso baile era em Malo^(*).
Antônio, depois de preparado o lêvedo,
de tamanco, corre à festa.
O guarda não deixa entrar.
Pela janela chama José,
Troca os tamancos com os sapatos.
Com os sapatos nos pés, entra.
A festa era linda,
Antônio a fez mais ainda.
Alegre, contagiou a todos.
Dançou duas horas,
bem arrumado, elegante,
Com os tamancos nos pés.
Todos se divertiram.
Às três da madrugada estava no forno,
chamando o pai para o trabalho.
Que baile, que lindo, mesmo de tamancos.

(*) Malo - cidade vizinha a Schio

Scóla cantorum

*El maestro che conosse música
el géra Emilio dal monte^(*).
La me vosse ze de moscon,
el me ga tirá dal coro,
me ze restà solo el fólo.
La Messa cantà ze pronta,
música del maestro Perossi.
Doménega de pasqua, ezebission.
Gérimo in dù, um poco parun,
manegiar el brasso del fólo.
Como ze bela la Messa cantà.
I a solo, del tenor Bernardin,
o del basso Bèpi Drago.
le entrate insieme a tre vosse.
Vibrante, sensacional.
In mèso al Credo ze successo...
... l'organo se ga fermà.
Me go imbaucà a scoltare,
senza el fólo, no ghe ze aria
e i sóni non và fóra daí tubi.
I me ga sbecà insieme:
- Sveiete, bòcia. Aria nel fólo.
Quasi i me buta là in basso.
Me go fermà e go rovinà
l'ezebission de la Messa cantà.*

(*) Monte Tisato

Escola de canto

O maestro que conhece música
era Emílio do monte Tisato.
Com minha voz de zangão,
tirou-me dos sopranos.
Só fiquei no fole...
A missa cantada, todos prontos,
Música do maestro Perossi.
Domingo de Páscoa, exibição.
Estávamos em dois, um pouco cada um
a manejar o braço do fole.
Como é linda a missa cantada.
O solo do tenor Bernardin,
e do baixo José Drago.
As entradas, juntas a três vezes.
Vibrante, sensacional.
No meio do Credo, aconteceu...
... o órgão parou.
Parei, encantado a ouvir,
e sem fole, não tem ar,
e os sons não saem pelos tubos.
Gritaram juntos:
- Acorda moleque. Ar no fole.
Quase me jogam do coro abaixo.
Parei e estraguei a exibição
da bela missa cantada.

I Poaréti

I géra tanti, che no i finiva pi.

I vegna da tute le parti.

Par tuta la setimana,

fóra la doménega.

La géra 'na vera invasion.

Bisogna far calcossa,

dizéa tute le boche.

Le autoritá: el Pàroco,

el consigliere comunale

e el consiglio parochial,

se reune, studia e decide:

- Elemosina, continuemo a dare,

solo al luni; i altri di, no.

Quei che géra vissìà

ze sparii, no i ze pí vegnú.

Un baston, davanti,

sachéto picà da drio.

- Paróna, caritá,

par l'amor de Dio.

Un pugno de farina,

un óvo, un panéto de pan,

sinque schèi o ròba vècia.

Grassie paróna,

el signore la benedissa.

Os pobres

Eram tantos a não acabar mais.

Vinham de todos os lugares.

Para toda a semana,
menos aos domingos.

Era uma verdadeira invasão.

- Precisa fazer alguma coisa,
diziam todas as bocas.

As autoridades: o vigário,
o conselheiro comunal
e o conselho paroquial,
reúnem-se, estudam e decidem:

- Esmola, continuaremos a dar,
só na segunda-feira,
os outros dias, não.

Aqueles que eram viciados
sumiram, não vieram mais.

Um bastão, na frente,
saco dependurado atrás.

- Patroa, caridade,
pelo amor de Deus.

Um punhado de farinha,
um ovo, um pedaço de pão,
cinco centavos ou roupa velha.

Obrigado dona,
o Senhor a abençoe.

Èssare fortunà

*Ze nassare bem fato,
sensa canápia, réce lunghe
la goba.*

*Ze aver bona faméja,
testa a posto par studiare
o una profission da praticare.*

*Trovare l'anima gemèla,
aver fióli com salute.*

*Star fóra daí difeti,
colesionar le virtú.*

*Aver amissi par tute le ore,
che te fassa sempre onore.*

*Aver vòja de lavorare,
fame par magnare de tuto
e sono come i angeli.*

*Meio ancora, un zio scapolo,
in America, pien de schèi.*

*O anca zugar al loto
e ciapar in pien.*

*Èssare nòno de tanti nevodi
e morire vècio in santa pace.*

Ter sorte

É nascer bem feito,
sem nariz tucano, orelhas longas,
corcunda.

É ter uma boa família,
cabeça no lugar para estudar,
ou uma profissão para praticar.

Achar a alma gêmea,
Ter filhos com saúde.

Ficar de fora dos defeitos,
coleccionar virtudes.

Ter amigos para todas as horas,
que não façam nunca desonra.

Ter vontade de trabalhar,
fome para comer de tudo
e sono como os anjos.

Melhor ainda, um tio solteiro,
na América, cheio de dinheiro.

Ou também jogar na loto,
e acertar em cheio.

Ser avô de muitos netos
e morrer velho, na santa paz.

La vosse del parón

(marca do gramofono)

*Casseta rossa che da nei òci
disco sóra el piato a girare
com manovela e trombon,
brasso com gucia, da son.
La vosse del páron,
figurà com un can atento.
Quanti bali, alegria,
sentir cantar 'na mania.
Caruso tenor, com vosse potente.
Do di pèto, delirio dela gente.
La serenaza de Toselli,
meraviglia, tempi beli.
Girando la manovela
dava carica, funsionava.
El gramofono sonava.
Dopo i ga tirà via el trombon,
partiva com un eletrico boton,
tre rotasion diferenti,
musiche taca in un disco solo.
Dal disco, al nastro registrà.
Radio e television,
continua: La vosse del páron,
tanta propaganda par vèndare,
tute teste preparà par comprare.
Ze la massificasion
far solo quel che vole...
... el parón.*

A voz do patrão

(marca de gramofone)

Caixinha vermelha que chama atenção,
disco sobre o prato a girar
com a manivela e o trombone,
braço com agulha, dá som.

A voz do patrão,
figurada como cachorro atento.

Quantos bailes, quanta alegria,
ouvir cantar era mania.

Caruso tenor com voz possante,
dó de peito, delírio da gente.

A serenata de Toselli,
maravilha, belos tempos.

Girando a manivela,
dava carga, funcionava,
o gramofone tocava.

Depois tiraram o trombone,
ligava-se com botão elétrico,
três rotações diferentes,
músicas juntas num disco só.

Do disco à fita gravada.

Rádio e televisão,
continua: a voz patrão,
tanta propaganda para vender,
todas cabeças preparadas para comprar.

É a massificação,
fazer somente o que quer o patrão...

I eroi de guerra

*Fursi la géra paura,
o intuission che tuto
inutil géra lotar par la patria.*

*Par èssare congedà,
i fazevan de tuto:*

*Uno se ga macà el zenòcio,
col sachéto de sabia.*

*L'altro che el géra balbo,
ze diventà muto.*

*Uno se ga schissà un déo,
de la man drita.*

*L'altro el ga fato forza
e che ze vegnú l'ernia.*

*Dipende: o èssare coragioso,
davanti al nemico...*

o farla ne le braghe.

*Mai, se vinse una guerra,
anca nea vita*

*girandoghe el da drìo,
a chi stá davanti.*

Os heróis de guerra

Talvez fosse medo,
ou intuição de que era
inútil lutar pela pátria.
Para conseguir baixa,
faziam de tudo:
um, bateu no joelho
com um saquinho de areia.
Outro, que era gago,
fez-se de mudo de uma vez.
Um, esmagou um dedo
da mão direita.
O outro fez força
até ter... hérnia.
Escolha: ou ser corajoso,
na frente do inimigo...
ou encher as calças.
Nunca se vence uma guerra,
e também na vida,
virando as costas,
a quem está na frente.

I d'ù volontari

*Giorgio e Pasquale
geran de Giavenale.
I ga lassá la campagna,
e i ze andá in Spagna,
in mèso a la guerra civile,
a lavorar col fusile.
Par difendere Franco, el generale
daí comunisti spagnoli, dal male.
I ga conossudo bele citá,
e tante spagnole i ga ciapà.
Volontari, dopo el mare
i ga ciapà bone paghe.
Quando i ze a casa tornà,
ogni tanto i se ga trovà.
Invesse del dialeto,
i parlava castiliano scièto.
I ricordava le sò aventure,
com le bèle spagnole... pure.
Non se capiva gnénte,
quel che i diséa
ma dava gusto scoltarli.*

Os dois voluntários

Jorge e Pascoal
moravam em Giavenale.
Deixaram o campo,
e se foram para a Espanha,
no meio da guerra civil,
a trabalhar com o fuzil.
Para defender Franco, o general,
dos comunistas espanhóis.
Conheceram lindas cidades
e muitas espanholas conquistaram.
Além do mar, voluntários
ganharam bons salários.
Quando voltaram para casa
às vezes se encontravam.
No lugar do dialeto,
falavam castelhano puro.
Lembravam as aventuras
com as lindas espanholas.
Não se entendia nada
daquilo que diziam,
mas dava prazer ouvi-los.

La comàre de tuti

*Chi ze comàre de tuti?
La Teresa levatrice,
so mama de Andrea.
La stava vissìn a le scòle.
Le dònne gavéa i putèi
in casa, nel so leto.
Dòna seria, de caratere.
Anca mi son nato
ne le so man.
Sempre pronta
de dí, de nòte.
- Come te stè, comàre?
- Stò bem, un bom marìo.
quatro bei fióli.
- Quando te semini un altro?
- Par far fióli, comàre
bisogna èssare in dù.
- Non podí dismentegarve
che mi vivo dei fióli
dei altri, ció.
Píu gente se vol fare
pi lavoro a go.
Tuti i putèi
i la ciamava: sàntola.
Ela ciamava tuti: me fiòsso.*

A comadre de todos

Quem era a comadre de todos?

Tereza, a parteira,
a mãe de André.

Morava perto do Grupo Escolar.

As mulheres tinham as crianças
em casa, na própria cama.

Mulher séria, de caráter,
eu também nasci nas suas mãos.

Sempre pronta,
de dia e de noite.

- Como está você comadre?

- Estou bem, um bom marido,
e quatro lindos filhos.

- Quando você arranja outro?

- Para ter filhos, comadre,
precisa ser em dois.

- Não pode esquecer
que eu vivo dos filhos dos outros.

Mais gente os encomenda,
mais trabalho eu tenho.

Todas as crianças,
a chamavam de madrinha.

Ela chamava a todos: meu afilhado.

A vècia Neni

*La gèra me nòna,
da parte de me popà.
Picoleta, magreta,
'na sciantinola de dòna.
La ga vudo solo disdoto fióli
parché me nòno Giovani
el ze morto presto.
Quarantaoto ani, el ze andà.
Ela soleta la ze restà.
Sempre pronta a fare el bem
dar una man a tuti, ció.
Prima de tuto ai poaréti.
Com la corona in man
la sgranava el terseto.
La' dava a pascolare
le so òche e catava i pissacàn.
La me volea un bem del mondo.
Coverzea le me busiè,
la géra el me difensore.
La spussava el fía de àjo,
la sitava mastegarło.
No la go mai vista,
malcontenta, col naso sóra la boca.
Ghe go cavà el primo dente,
com la pinsa de mecanico.
La gávea sessantasie ani.
Ghe go fato la prima puntura,
la gávea setantadù ani.
Quando son partio pal Brasile,
no la go gnanca saludà.
La saria morta da un colpo,
dal dispiassère
La ze morta a setantasie ani, poaréta.
Che el Signore la tegna vissin.*

A velha Neni

Era minha avó
por parte de pai.
Pequenina, magrinha,
figura miúda de mulher.
Teve só... dezoito filhos,
porque meu avô João
morreu cedo, aos 48 anos.
Foi-se, sozinha ela ficou.
Sempre pronta a fazer o bem,
dar ajuda a todos.
Primeiro, os pobres.
Com a coroa sempre em mão,
girava, rezando o terço.
Ia aos campos com os patos,
apanhando espinafres campestres.
Queria-me muito bem.
Escondia minhas mentiras,
era minha defensora.
Cheirava ao alho,
que estava sempre a mastigar.
Nunca a vi descontente ou doente.
Arranquei seu primeiro dente,
com alicate de mecânico.
Tinha então sessenta e seis anos.
Apliquei-lhe a primeira injeção
já com setenta e dois anos.
Quando parti para o Brasil,
fui embora sem despedir-me .
Morreria de repente pelo desgosto.
Morreu aos setenta e seis anos, pobrezinha.
Que Deus a tenha.

Giacométo

*Una canson vècia diséa:
Me compare Giacométo
el gávea um bel galéto...
Lu, de nome Giacomo,
imitava el bel galeto.
Andava drìo a tute le tose,
el gavéa tre morose.
A la nòte, faséa l'amore e... via
se fermava a l'ostària.
Só mama ghe diséa:
Giacométo, torna bonóra
Los spetava, elo non tornava e...
la ciapava sempre sono.
Lu rivava quando ghe pareva.
El giorno dopo, so mama Némi
ghe domandava:
A che ora sito tornà stánote?
Lu, furbo ghe rispondeva:
Du minuti dopo che...
ti te ghe ciapà sono.*

Giacométo

Uma canção velha, dizia:
Meu compadre Giacométo
tinha um belo galeto...
Ele, de nome Giacomo
imitava o bonito galo.
Ia atrás de todas as moças,
tinha três namoradas.
À noite fazia amor... e ia
parar na cantina.
Sua mãe lhe falava:
Giacométo, volta cedo!
Esperava-o, ele não voltava e...
ela pegava sempre no sono.
Ele chegava quando queria.
No dia seguinte, sua mãe Nemi
lhe perguntava:
- A que hora voltou à noite?
Ele, astuto, respondia-lhe:
Dois minutos depois que...
você pegou no sono.

Dòne, pèsse a go dito

*El vegnéa da lontana Cavazzale
a vendare el pèsse a Giavenale.*

*Al vènare, tuti i vènare,
ale sete dela matina.*

*Co la bicicletà, rode a balón,
du “porta bagagli”:*

*un davanti del manubrio
l’altro de drìo del selin.*

*Dù cassoti de legno
pieni de pèsse e giasso.*

El primo sbèco:

- Dòne, pèsse go dito.

Ai túsiti picoli

el ghe piaséa e i ripeteva:

- Dòne, pèsse go dito

I ghe ‘ndava drìo

nela contrá, par tuto el paese.

- Dòne, pèsse go dito

Nol ga pí vudo

bisogno de far propaganda.

Un sciàpo de pùtei,

faséa tuto.

I sbecava

fin da perdare el fiá:

- Dòne, pèsse go dito.

Mulheres, peixe, tenho dito

Vinha de longínqua Cavazzale,
a vender o peixe em Giavenale.

Na sexta, todas as sexta-feiras,
às sete da manhã.

Com a bicicleta, rodas balão,
dois bagageiros:

um na frente do guidão,
outro atrás do selim.

Dois caixotes de madeira
cheio de peixe no gelo.

Ao primeiro grito:

- Mulheres, peixe, tenho dito.

A criança toda,
gostava e repetia:

- Mulheres, peixe, tenho dito.

Os pequenos o acompanhavam,
por toda a vila.

- Mulheres, peixe, tenho dito.

Não precisou mais fazer propaganda.

Um grupinho de meninos,
fazia tudo.

Gritavam até perder o fôlego:

- Mulheres, peixe, tenho dito.

Me nòno Giovani casaro

*El ze morto presto.
Quarantaoto ani e el ga lassà
la Neni con disdoto fióli.
El géra rustego coi tusi.
Tute le sere a sena,
Nani, me pare, el pí vècio,
el ghe diseá a me nòno
còssa che i gavéa fato i pí zovani
durante el dí.
Elogiava poco, tanto poco,
ma sberloti a volontá.
Le fióle: Marieta, Neni e Aurelia
cresceva bele, in pressa
e le aiutava la Neni.
Quando un tóso lo invitava
a magnàre polènta e osèi
el savéa che el voléa,
domandarghe la man,
de una dele fióle.
All' ostaria i magnava e bevéa
e dopo quando el tóso
cominsiava far el giro
par domandarghe la man...
Elo: Fermete, ció, ancó ghemo
magnà e bevú massa.
Nol ze el momento
par tratar de cose serie.
Lasemo par ún'altra volta.
Do, tre volte, dopo...
...el tóso nol se vedéa pí.*

Meu avô Giovani queijeiro

Faleceu cedo,
quarenta e oito anos e deixou a
Neni com dezoito filhos.
Era severo com os moços.
Todas as noites ao jantar,
João, meu pai, o mais velho,
dizia a meu avô
o que tinham feito os mais jovens,
durante o dia.
Elogiava pouco; muito pouco,
mas bofetadas à vontade.
As filhas: Marieta, Neni e Aurélia,
cresciam bonitas, depressa
e ajudavam a mãe.
Quando um jovem o convidava
a jantar polenta e passarinho,
ele sabia o que queria,
pedir a mão de uma das filhas.
Na cantina eles comiam e bebiam
e depois, quando o jovem
começava o preâmbulo,
para pedir a mão...
Ele: - Pára, pára, hoje
comemos e bebemos demais.
Não é o momento próprio
para tratar de assunto sério.
Deixemos para outra vez.
Duas, três vezes, depois...
... o moço não aparecia mais.

La faméja Manfron

*Par far el censimento,
se vá de casa in casa.
Se conosse tuti,
se impara tanto,
solo scoltando i altri...
parlando mal del vissìn.
Anca molte confidense,
de faméja e personali,
go sentio e guardà.
Lá cosa pí bèla
ze aver conossudo,
lá, ale Proe de sóra,
'na grande faméja.
Bèpi, el parón
sempre contento e felisse,
vive coi fióli maridà.
Se intende ben, con tuti quanti
e tuti i lo rispeta.
No se vede cosa compagna,
tuti uniti, tuti fradéi,
con o senza schèi.
I prega e i lavora insieme.
Solo 'na cosa li divide
ne l'ora dei pasti.
A tòla, prima i òmini e i túsi
dopo i piccoli e le femene.
Dù, turni, ció. Parché questo?
Ció, setu quante persone ?
Vintequattro boche..
Imagína le pignate ?
... e la polènta ze un polenton.*

A família Manfron

Para fazer o censo,
é preciso ir de casa em casa.
Conhece-se todo mundo,
aprende-se muito,
só ouvindo os outros...
falando mal do vizinho.
Também muitas confidências,
de famílias e pessoais,
ouvi e guardei.
A coisa mais linda,
é ter conhecido,
lá, na Proe de Cima^(*),
a grande família Manfron.
José, o patrão típico,
sempre sereno, pacato,
vive com as filhas casadas.
Dá-se bem com todos
e todos o respeitam.
Não se vê coisa igual,
todos unidos, todos irmãos,
com ou sem dinheiro.
Rezam e trabalham juntos.
Somente uma coisa os divide:
na hora das refeições.
À mesa, primeiro só homens,
depois, as crianças e as mulheres.
Duas turmas. Por que isso?
Sabe quantas pessoas são?
Vinte e quatro bocas...
Imagina as panelas ?
... e a polenta é o polentão.

(*) Proe de Cima - lugarejo próximo a Schio

Gigio Bussolai

*La ciambella in italian,
el ze el nostro bussolao.
Me nòno Luigi fornaro,
i li fa tanto ben,
che el ga ciapà el nome.
Sabo Santo, Gigio al lavoro,
impastare e smissiare:
farina, levá, sùcaro e óvi.
Con modi svelti,
colpeti nel 'orlo del sécio:
óvi nea machina ...
scorse fóra dala finestra.
Son andà vissìn a vardare.
-Nòno, còssa fetu?
-Fasso i bussolai par la Pasqua.
-Nòno, còssa te ghe miti,
che i vien cùssi tanto boni?
Ciàcola va, ciàcola vien.
-Nòno, te ghe sbaglià.
El gavéa roversà el modo de lavorare;
óvi fóra dala finestra e
scorse dentro inte a machina.
-Ostrega, còssa go fato?
Me dá un calcio nel da drìo:
-Vá via, ti te me miti in confusion.*

Luiz Bussolai

A rosca em italiano
é o *bussolao* em dialeto.
Meu avô, Luiz padeiro,
sabia fazê-las bem,
que levou até o nome.
Sábado Santo, Luiz ao trabalho,
a amassadora girando,
farinha, levedo, açúcar e ovos.
Com movimentos rápidos,
pancadinhas na beirada do balde:
ovos na amassadeira...
e cascas fora da janela.
Cheguei perto, olhando:
- Vovô, o que está fazendo?
- Faço as roscas para a Páscoa.
- Nossa, o que você põe
que saem tão gostosas?
Conversa vai, conversa vem.
- Vovô você errou.
Tinha trocado o processo:
ovos fora da janela e
cascas dentro da máquina.
- Com os diabos, o que estou fazendo?
Dá-me um pontapé no traseiro:
- Vá embora, você me confunde.

Silvio el postin

*Picoletto, ma de aspeto serio,
col capèlo da postin
ben fracà in testa.*

*Borsa grande, picà
'intel palo dea bicicleteta.*

Mai stufo de lavorare.

*In tempo de guerra,
se ghe géra solo 'na letera
da portar a destinassion,
el vegnéa da Schio anca
con la piova e col freddo.*

*La dòna che ciapava notissie
del marìo in guerra,
lo vedéa come un Santo.*

*Védare i altri contenti,
géra la so consolassion.*

*Quando el portava brute notissie
el stava mal*

el restava stomegà morto.

*Quando 'na tósa la voléa savère
se 'n altra la gavéa ciapà posta,
elo serio el ghe diséa:*

-Pensa ai fati tui.

*Quando el portava
le lettere a destinassion
el giorno dopo, da la sièra,
de chi gavéa ciapà la letera
el capiva còssa ghe géra stá scritto,
come se el ghe gavesse leto
la letera in testa.*

Silvio, o carteiro

Pequenino, mas de aspecto sério,
com chapéu de carteiro,
bem arrumado na cabeça.

Sacola grande, dependurada
no tubo da bicicleta.

Nunca cansando de trabalhar.

Em tempo de guerra,
se havia uma só carta
para levar ao destino,
vinha de Schio mesmo,
com a chuva ou frio.

A mulher que recebia notícias
do marido em guerra,
via-o como a um santo.

Ver os outros contentes
era a sua consolação.

Quando levava notícias tristes,
estava mal,
ficava amargurado.

Quando uma moça queria saber
se uma outra tinha recebido carta,
ele, sério, respondia:

- Pense em sua vida.

Quando ele levava
as cartas ao destinatário,
no dia seguinte, pelo aspecto
de quem recebeu a carta,
sabia o que fora escrito.

La maèstra Pia

*Mi géra sanco in tuto:
bàtere el martèlo
taiar con la fòrbese
dar calci al balón;
ciapo tuto con la man sanca.
Ne la scóla, la maèstra
bacheta fina sempre in man,
la me ga dá,
tante brute sbachetà.
- Scrivi con la man drita.
la sitava dire.
- Ne la Bibia, ze scritto:
a destra di Dio Padre...
A forsa de ciaparle a go imparà.
'na volta ghe domando al prète:
- Don Giovanni, ze vero che...
... i sanchi i vá a l' 'inferno?
- Chi te ga dito ste ròbe?
- La maéstra ga dito che...
... se salva solo i drìti.
El me ga spiegà de: sugestion...
... dipende da l' 'interpretassion...
No go capio gnénte.
Zugando el calcio, qualchedun...
ga sbecá: - I sanchi va a l' 'inferno
E se te si sanco e drito,
vetu in paradiso o a l' 'inferno?
Adesso no importa pí gnénte,
tanto fá una o l' 'altra.*

A professora Pia

Eu era canhoto para tudo:
bater o martelo,
cortar com a tesoura,
chutar a bola;
pegava tudo com a esquerda.
Na escola, a professora,
palmatória na mão,
dava-me muitas batidas.
- Escreva com a mão direita,
continuava a falar.
- Na Bíblia está escrito:
- À direita de Deus Pai...
De tanto apanhar, aprendi.
Uma vez eu perguntei ao padre:
- Don Giovanni, é verdade que...
os canhotos vão para o inferno?
- Quem te disse essas coisas?
- A professora falou que...
se salvam só os destros.
Ele me explicou que: subjetivo...
... depende da interpretação...
Eu não entendi nada.
Jogando futebol alguém...
gritou:- Os canhotos vão para o inferno.
E se você é canhoto e destro,
vai ao Paraíso ou ao inferno?
Agora não importa mais nada,
tanto faz uma como a outra.

Radio Catina

*Alta, magra, lingua longa.
Òci picoli. rèce a sventola.
Partia da casa,
'n dava far la spesa,
la fermava tute le dònè
che catava par la strada.
- Catina quale zele le novità?
- Ghe ne ze tante.
Còssa che te vui savèrè?
No la faséa gnénte,
la scoltava le ciàcole de tuti,
ela inventava el resto,
e dopo tuto zolava
come fusse pene al vento.
La gavéa le notissie ,
tute de prima man.
I secreti che i tigna scunti
ela la vegnéa saverli.
Ostrega, che indovina.
La indiscriSSION géra tanta,
che non perdonava a nessun.
Quel che la savéa géra de tuti.
Le femene le la ga ribatisà:
Radio Catina.*

Rádio Catina

Alta, magra, linguaruda.
Olhos pequenos, orelhas a leque.
Partia de casa,
ia fazer compras,
parava todas as mulheres
que encontrava pela rua.
- Catina, quais são as novidades?
Ela respondia:
- Tenho muitas.
- O que você quer saber...
Ela não fazia nada,
escutava a conversa de todos,
depois inventava o restante,
e jogava tudo,
como penas ao vento.
Tinha as notícias todas,
de primeira mão.
Os segredos que todos guardavam,
ela os descobria,
Ninguém sabia como.
Puxa, que adivinha.
A indiscrição era tanta
que não perdoava a ninguém.
Aquilo que ela sabia,
todos ficavam sabendo.
As mulheres a apelidaram:
Rádio Catina.

Me mama Amelia

*La géra 'na bèla dòna
coi òci ciàri, verdi,
bei come el cielo e el mare.
La faséa da magnàre puito
da lecar i piati.
Sempre calma, serena,
la 'ndava de acordo con tuti.
Ne le persone,
vedéa solo le virtù.
La elogiava tuto e tuti,
no a parlava mal de nessun.
No la 'ndava in ciésa
ma la gavéa una fede,
come el Suman.
Quando se malava
qualchedun de casa,
ela non pregava
parché el stasse mèjo.
No la go mai sentia
domandar grassie
o far voti a santi.
Vardava su el cielo
e diséa sempre,
sensa pensarne proprio, ben decisa:
- Magari, de pí, Signor.*

Minha mãe Amélia

Era uma bonita mulher,
de olhos claros, verdes,
lindos como o céu e o mar.
Cozinhava muito bem,
de lambar os pratos.
Sempre calma, serena,
dava-se bem com todos.
Nas pessoas,
via somente as virtudes.
Elogiava tudo e todos,
não falava mal de ninguém.
Não freqüentava a igreja,
mas tinha uma fé,
como o monte Summano.
Quando ficava doente
qualquer um de casa,
ela não rezava implorando
para o doente sarar.
Nunca a ouvi pedir graças,
ou fazer votos aos santos.
Olhava para o Céu
e dizia sempre sem hesitar,
bem decidida:
- Que venham mais provas, Senhor.

La spolvarina

*E dotor Bertoldi el compise,
el ciapa in regalo
una spolvarina bianca.*

La sposa lo averte:

- Stá atento, non sporcarla.

*Va a Giavenale par
la sua visita setimanale.*

*In casa de Giovani infermiere,
el ga 'na sala par ambulatorio.*

Ogni volta va 'na bóttiglia.

- Dotor, ancó va bianco?

- Portame el nero, recioto.

*Giovani tira el filo,
intorno al stròpolo.*

El Dotor, bicere in man...

*Un tiro de sugaro,
el vin tuto nel sofito
come 'na cascata, torna,
in sima da spolvarina.*

*- Podega portarme 'na botiglia,
che non scopiasse in pressa.*

*- Dotor, gnanca un giosseto,
par métare in boca.*

*El tira la spolvarina, la infagota,
la mete sóto el brasso
e stomegà, el va via.*

La storia dela spolvarina ze finia.

A capa

O médico Bertoldi faz aniversário,
recebe de presente
uma capa branca de nylon.
A esposa chama a atenção:
- Tome cuidado, não a suje.
Vai a Giavenale para
sua visita semanal.
Em casa de Giovani, enfermeiro,
tem uma sala como ambulatório.
Cada vez tomam uma garrafa de vinho.
- Doutor, hoje vai o branco?
- Traz o tinto, Reciotto.
Giovani tira o arame que
envolve a rolha.
O médico, cálice na mão...
Um estouro da rolha,
o vinho todo vai ao forro
e como um cascata retorna,
sobre a capa do médico.
- Podia trazer uma garrafa,
que não estourasse tão rápido.
- Doutor, nenhuma gota,
para pôr na boca
O médico tira a capa, embrulha,
põe embaixo do braço
e arrasado, vai embora.
A história e a capa acabaram...

El barbiero Egidio

*El figaro del paese,
tipo alegre e cortese,
aiutá da só fradèi
i ciapa i so schèi,
taiando barba e cavèi.
Fin che se spetava,
de tuto se ciàcolava,
le busie del caciatore,
copava osèi col so ardore,
tanti de pí da realtà,
con tuto quel che ga imaginà.
Le barzelete del barbiero
con risate a bel piassere,
tanto picanti e sporche,
che rideva anca le mosche.
Lu se curvava, man nea pansa,
ridéa e tossiva in abondàza.
Col penelo insaonando el cliente,
ridéa par tuto e par gnénte...
... quando col rasoio in man,
radeva e ridéa da bon cristian.
Se i ghin contava 'na forte,
se fermava e come 'na morte ,
ridéa con atension...
la sicuressa stava in question.*

O barbeiro Egídio

O barbeiro da vila,
tipo alegre e cortês,
ajudado pelos irmãos,
ganhava o seu dinheiro
cortando barba e cabelos.
Enquanto se esperava a vez,
de tudo se conversava,
as mentiras do caçador,
matava aves com o seu ardor,
muito mais que a realidade,
aquilo que imaginava.
As piadas do barbeiro,
com risadas à vontade,
Tão picantes e sujas,
que riam até as moscas.
Ele se curvava, mão na barriga,
ria e se torcia em abundância.
Com o pincel ensaboando o freguês,
ria por tudo e por nada...
... quando com a navalha na mão,
cortava e ria como bom cristão.
Se alguém contava uma mais forte,
ele parava, como uma estátua,
e ria com atenção...
a segurança estava em questão.

El morto ressussità

*Pien de vita, trentadù ani,
sposá, con dù fióli.
Abitava ale Proe de sóra,
l'ultima casa a destra,
vissìn al stradon.
Dù di de febre alta,
assistio dal Dotor
e da l'infermiero Giovani.
Gnénte a fare el 'ze morto.
El Dotor ze andà via.
Solo Giovani fa compagnia.
Da solo col morto: còssa fare?
El se ga ricordá che
in tempo de guerra,
quando el ga salvà tanti soldá.
Una puntufa de adrenalina,
ben in mèso al córe.
Intuission ? Non se conforma
vedarlo morto.
El se ga messo a far massaggi,
strucar el pèto e vèrzare i brassi:
Ogni tanto el scoltava el córe.
Dopo vinti minuti, za stufo,
ghe paréa de sentit el córe bàtare.
Impression? Fursi.
Insiste ancora un poco e...
stavolta el bate par de bon.
Quando el ga verto i òci,
el ghe ga domandà: -Dove sonti?
-Te ste nel to lèto, ostrega.
Giovani el ze andá zo in cusìna.
Tuti pianzea el morto.
El ga visto, in sima dela tòla,
el certificato de morte.
El lo ga leto e lo ga sbregà.
- El ze vegnú mato - i ga pensà.
- Vegní su védare 'na ròba.
In dù di ghe ze passà la febre.
El ze scampà altri trenta ani.
El Dotor mato, drìo Giovani:
No go mai sbaglià,
còssa ghetu fato?
Dopo un mése,
el ghe ga contá la storia...*

O morto ressuscitado

Cheio de vida, trinta e dois anos,
casado, com dois filhos.
Morava em Proe de Cima,
última casa à direita,
próxima à estrada asfaltada.
Dois dias de febre alta,
assistido pelo médico
e do enfermeiro Giovanni.
Nada mais a fazer, morreu.
O médico foi embora.
Ficou Giovanni a cuidar.
Sozinho com o defunto: o que fazer?
Ele lembrou que nos tempos de guerra,
quando salvou muitos soldados.
Uma injeção de adrenalina,
bem no meio do coração.
Intuição? Não se conforma
ver o moço falecido,
começou fazer massagens,
aperta o peito e abrir os braços.
De tanto em tanto, escutava o coração.
Depois de vinte minutos, já cansado,
pareceu ouvir o coração bater.
Impressão?... talvez.
Insiste ainda um pouco mais e...
e dessa vez ele bate de verdade.
Quando ele abriu os olhos,
perguntou: - Onde estou?
- Você está no seu leito, diabos,
Giovani desceu até a cozinha.
Todos choravam pelo falecido.
Viu em cima da mesa
a certidão de morte.
Apanhou, leu e rasgou.
- Ele ficou louco - pensaram.
- Venham, subam ao quarto...
ver uma coisa...
Em dois dias passou a febre
Viveu mais trinta anos...
O médico ansioso, procura Giovanni:
- Nunca errei,
o que você fez?
Só depois de um mês
Giovani contou a verdade.

El nissól maciá

La ze 'na question de onore.

*La prima nòte, i sposi
i la passava in casa.*

Punto da non discutare.

Dovéa èssare cùssi

La tradission ze lege.

El dí drío, le vèce

*la mama e la suocera,
insieme andava comprovare.*

*El nissól maciá stava la,
trofeo de le dò faméje.*

- Ció, la verginitá la ze andà:

Bèpi el ga ciapa Maria.

Elo puro, ela vergine.

Che onore, la parte morale:

*far l'amor de rispetto
tuto ben, gnénte male.*

Mantegner la tradission:

maciar el níssol

ne la prima nòte

vol dir no maciare

l'onor de do faméje.

I dù spusi i ga spetà

l'ora giusta para amarse.

O lençol manchado

É uma questão de honra.
A primeira noite, os esposos
a passavam em casa.
Ponto passivo, não discutir.
Tinha que ser assim.
A tradição é lei.
O dia seguinte, as velhas
a mãe e a sogra,
juntas iam comprovar.
O lençol manchado estava lá,
troféu das duas famílias.
A virgindade foi-se:
José e Maria.
Ele puro, ela virgem.
Que honra, a parte moral:
fazer o amor com respeito
tudo bem, nada mal.
Manter a tradição:
manchar o lençol
na primeira noite,
quer dizer não manchar
a honra das duas famílias.
Os esposos esperaram
a hora certa para amar-se.

Sagra

*Doménega de festa.
Speciale del Santo,
Patrono de la parochia.
Messa cantá a tré vosse,
el Pàroco in gala,
el dava la benedission.
Lá fóra ne la piàssa,
bandierole sventolava,
zughi par tuti i gusti,
bussoòti, cucagna, rompi-pignéte.
la pesca, corsa coi óvi
o col sachi, tombola,
sesti de sagra.
Ale quatro, dopo le funsion.
ze tuto animà,
túsi e tóse che va e vien,
le ostàrie piene de gente,
i forastieri ze li,
a bévare el vin bon.
Ale sete, tombola.
Dal palco, i ciama i numeri,
uno drìo l 'altro:
quaterna, sinquina, tombola.
La banda sona par chi vinse.
Tuti se diverte.
Finia la tombola, finia la sagra.*

Quermesse

Domingo de festa.
Especial do santo
patrono da paróquia.
Missa cantada a três vozes,
o padre paramentado,
dava a bênção final.
Lá fora na praça
bandeirolas penduradas,
jogos para todos os gostos,
latas, pau-de-sebo, quebra-vasos,
a pesca, corrida de ovos
ou com os sacos, tômbola,
cestos com doces.
Às quatro horas da tarde,
depois da reza,
tudo é animação,
moços e moças que vão e vêm,
as cantinas cheias de gente,
os visitantes estão ali,
a beber bom vinho.
Às sete, tômbola.
Do palco chamam os números,
um depois do outro:
quaterna, cinquina, tômbola.
A banda toca para quem vence.
Todos se divertem.
Terminada a tômbola, acaba a quermesse.

El strássino

*Nol ze quello che te pensi
dela tósa cha va maridarse.
La storia ze un'altra.
Quando dù morosi
i baruffa e i se lassa
quello piú svelto
se trova un'altra.
Lora quando se marida
i amissi i ciapa
un careto de strame
e dala ciésa
fin davanti la casa
dela morosa vècia,
i fa lo strássino:
una bela semenada
lungo la strada.
La genre ride, se gode,
manco dù, ció.
La morosa vècia e el stradin.*

Longo véu

Não é o que você pensa
da moça que vai casar.
A história é outra.
Quando dois noivos
brigam ou se deixam,
aquele mais esperto
encontra outra.
Então, quando casa,
os amigos enchem
uma carroça com forragem
e da igreja
até na frente da casa
da noiva antiga,
fazem o “arrastamento”
uma bela “semeada”
ao longo da estrada.
A gente rí, diverte-se,
menos dois:
a antiga noiva e o varredor.

El monte Suman

*El ze un bèlo monte.
Dove finisse el pian,
Iá a Santorso,
el va su a mile metri.
Base solida, larga,
terminando in punta.
Nol ze strucà
come el Novegno.
La ciéseta fresca,
pi fresca, ancora l'acqua del posso.
In un di ciàro,
dove ghe ze la cróse,
se vede na pianura,
un mucio de paesi.
No ghe ze gnénte da fare?
Andemo al Suman,
ze fàssile, ze vissìn
Ai morosi ghe piase
andar su far l'amore,
sóto l'ombra dei pini.
Quando se combinava una comitiva,
el Pàroco de allora
nela predica in ciésa el dizéa:
- No lassé i fióli
andar la em sima.
El Suman ze un pericolo.
Iva su in dù
e i pole tornar in tri.*

O monte Summano

É um belo monte.
Onde termina o plano,
lá em Santorso,
sobe a mil metros.
Base sólida, larga,
acabando em ponta.
Não é achatado como
o monte Novegno.
A igreja arejada,
e fresca a água do poço.
Em dia claro,
de onde existe a cruz,
vê-se no plano,
um punhado de cidades.
Não tem nada para fazer?
Vamos ao Summano.
É fácil, é pertinho.
Os namorados gostam
subir para fazer amor,
à sombra dos pinheiros.
Quando se combinava uma comitiva,
o padre de então,
no sermão da missa, dizia:
- Não deixem os filhos
ir lá em cima.
O Summano é um perigo.
Eles sobem em dois,
e podem voltar em três.

Fontana publica

*La ze una istalassion cùssi:
un bevarolo par le bestie,
una coloneta col rubineto
de l'acqua e dù fèri
par metare in sima i síci.
Messa nea strada,
vissìn a Marola.
I va torse l'acqua, i poaréti,
acqua in casa, solo i sióreti.
Sempre afobà el posto,
fóra quando ze fredo e piove.
Le femene, col bigòlo
e du síci de rame
le ze sempre lá.
Se ciàcola a non finir pí.
Fonte de acqua,
ma anca de ciàcole.
Ghe géra un rubineto col boton.
Strucandolo coteva l'acqua,
inpienava i síci in pressa
e non lassava tempo de ciàcolare
Le dònne le ga fato tanto
che i lo ga cambià.
Moderno, da regolare.
Butava fóra meno acqua
dando pi tempo par ciàcolare.
Le comàre faséa
el camàio de notissie.
Le parlava mal de tuti,
le criticava anca el Padre Eterno.
- Vien, che te conto un segreto, una bomba
L'altra: - O comàre, la me boca ze 'na tomba
El giorno dopo tuti lo savéa.*

Torneira pública

Era uma instalação assim:
um bebedouro para animais,
uma coluna com torneira
de água, e dois ferros
para colocar os baldes.
Montada ao lado da estrada,
vizinho à família Marola.
Vão buscar água, os pobres,
água em casa só os ricos.
Sempre concorrido o lugar,
menos quando é frio ou chove.
As mulheres com a canga
e dois baldes de cobre,
elas estão sempre lá.
Conversam a não ter fim.
Fonte de água,
mas também de conversa.
Tinha uma torneira com botão.
Apertando, escorria a água,
enchia os baldes depressa
e não deixava tempo para prosa.
As mulheres reclamaram tanto
que trocaram a torneira.
Moderna, com regulagem.
Jorrava menos água,
dando mais tempo para conversa.
As comadres faziam
troca de notícias.
Falavam mal de todos,
criticavam até o Padre Eterno.
- Vem que te conto um segredo, uma bomba.
- Oh, comadre, minha boca é um túmulo.
No dia seguinte todos já sabiam.

Far l'amor, stí-àni

*Sti ani, el géra cussí:
Bèpi ociava la Maria,
Maria ociava Bèpi.
I se voléa ben,
anca senza parlarse.
I se magnava coi òci.
I vèci, tanti afari.
I ga combinà:
Bèpi e Maria,
i pole far l'amore.
Tuti i zobia de sera
el rivava in bicicleta.
El se vissinava ala finestra,
batea nel véro.
Maria la vegnea sùito.
- Ciao, Maria, te ste ben?
- Sì, Bèpi sto ben e ti?
- Mi son qua, ció.
Senti, te pensi
sempre lo stesso?
- Sì, Bèpi, te voio ben.
- Anca mi, Maria...
Alora, vò via contento.
Zobia, torno da novo.*

Namorar, antigamente

Antigamente, era assim:
José de olho em Maria,
Maria de olho em José.
Queriam-se bem,
mesmo sem falar-se.
Devoravam-se com os olhos.
Os velhos com tantas ocupações.
Combinaram assim:
José e Maria,
podem namorar.
Toda quinta-feira, à noite,
José chegava de bicicleta.
Encostava na janela,
batia na vidraça.
Maria chegava logo,
- Alô, Maria, tudo bem?
- Sim, José estou bem, e você?
- Eu estou aqui, enfim.
- Escuta, você pensa
sempre o mesmo?
- Sim José, eu te quero muito.
- Eu também Maria.
Então vou embora contente.
Quinta-feira, volto de novo.

Censimento 1942

*Mi géro incaricà
de fare el censimento
la a Giavenale.
Andava de casa in casa,
tirava zo i dati dei membri dea faméja.
Se catava de tuto:
gente educá e fina
che me invitava andar dentro,
me dava un biciérin.
Gente bruta e gresa
che i me dava i dati
in piè, fóra dala porta.
Bèle dòne, dai óci
che ciamava: - Vien bèlo,
vien far l'amore
Na casa, vissín la ciésa,
go batú, nessun.
Pian, pian go verto la porta:
na cusìna enorme e
in fondo la Bèpa,
che misiava nela pignàta,
tacà sú pal fogolare.
Savéa che la géra sorda.
Ghe so andà vissìn
ghe go batú pianin na spala.
La se girà:
- Còssa vuto ti?
Ghe go spiegà.
No la ga capio gnénte.
- Che ano sito nata nòna?
- L'ano dea tempesta.
- Che mése sito nata, nòna?
El mése dei fighi.
- Che dí, sito nata nòna?
- El dí de San... no me recordo pí.
Me go dismentegà.*

Censo de 1942

Eu era encarregado
de fazer o censo
lá em Giavenale.
Ia de casa em casa,
apanhava os dados
dos membros da família.
Encontrava-se de tudo:
gente educada e fina,
que me convidava a entrar,
oferecia-me um trago.
Gente bruta e grossa,
que me dava os dados
em pé, fora da porta.
Belas mulheres, com olhos
que chamavam:
vem belo, vem fazer o amor.
Numa casa, perto da igreja,
bati, ninguém.
Devagar abri a porta:
na cozinha enorme e
no fundo, a Bepa,
que mexia na panela,
dependurada na lareira.
Sabia que era surda.
Cheguei pertinho,
bati devagar no seu ombro.
Virando-se ela diz:
- O que você quer?
Eu expliquei, gritando.
Não entendeu nada.
- Em que ano a avozinha nasceu?
- No ano da tempestade
- Em que mês a senhora nasceu?
- O mês dos figos
- Em que dia, nasceu a avozinha?
- O dia de São... não lembro mais.
Já me esqueci.

El capitèlo

*Ghe ne ze tanti
da tute le parte.
Santi e Madòne
che devossion, paróne.
Solo le se ricordava
el dí del Santo.
Le netava, le metéa candele
e vasi de fiori.
Se reunia par el terzeto.
Coincidensa.
Quasi sempre el géra
vissìn a una fontana publica.
Dava l'impression
che le dònne gavéa pi riguardo
con le ciàcole
quando le spetava
in fila par impienar i síci.
Prima le metéa la lingua
e dopo vardando el Santo:
- Perdoname, ció
go parlà massa.
El Santo sempre perdonava.
Fin che ghe ze acqua
ghe ze ciàcole,
fin che ghe ze ciàcole
ghe ze sempre perdon.*

Oratório

Existem muitos,
em toda a parte,
santos e madonas
que devoção, patroas.
Só os recordavam
no dia do santo.
Limpavam, punham velas,
e vasos de flores.
Juntavam-se para o terço.
Coincidência.
Quase sempre era
pertinho de uma torneira pública.
Dava impressão de que
as mulheres tinham mais respeito
Com as conversas,
quando esperavam
em fila para encher os baldes.
Antes de desatar a língua
olhando o santo:
- Perdoa-me,
tenho falado demais.
O santo sempre perdoava.
Enquanto jorra água,
existe conversa,
enquanto existe conversa,
há sempre perdão.

La campana a mesodì

*Ricardo, el sacrestàn,
dal luni al sabo
sona la campana.
In punto, ben a mesodì.
Avisa i contadini che
l'orario del matin ze finio.
Ze ora de magnàre.
Un dí el sacrestàn,
ze andá fóra del paese.
El ga lassà sola a fióla
a sonar a mezodì.
Cristina, la gèra stá intesa.
col so popà.
La ga soná la campana.
poaréto el sacrestàn.
Quante critiche, ciàcole.
Che confusion.
Cosa ze capità?
- Cristina al me posto
no la ga sonà?
- La ga sonà, si.
La ga vardà male
la sveglia in cusìna.
Géra le ùndase in punto.*

O sino do meio-dia

Ricardo, o sacristão,
de segunda até sábado,
toca o sino.
Em ponto, bem ao meio-dia.
Avisa os colonos que
o horário da manhã acabou.
É hora de comer.
Um dia, o sacristão,
andou fora da vila.
Deixou sozinha a filha,
para tocar ao meio-dia.
Cristina entendeu-se
com o pai.
Ela tocou o sino,
Pobrezinho do sacristão.
Quantas críticas, conversas.
Que confusão.
O que aconteceu?
- Cristina no meu lugar
não tocou o sino?
- Sim, ela tocou.
Olhou mal o despertador na cozinha.
Eram onze, em ponto.

Torcicòlo

*Se ciapa in tanti modi,
ma ghe ne uno speciale.
Lá in ciésa, a la Messa,
dòne, solo dòne a la sanca,
òmeni, solo òmeni a la drita.
Davanti i putèi,
in mèso i zovani,
de drìo i sposá, i vèci.
El tóso ociando la morósa,
vardando la sanca.
La tósa ociando el moróso,
vardando la drita.
I sorrisi se cata,
duri come pali,
i se magna col òci.
Cio, un'ora de messa
nol ze un scherzo,
girarse tuti i momenti.
Solo una cosa capita.
In paese, tuti lo savéa:
el torcicòlo sinistro,
ze mal de braghe,
el drito ze mal de còtole.
Sto accidente, i lo ciapava,
Doménega, a Messa.*

Torcicolo

Pega-se de vários modos,
mas existe um especial.
Lá na igreja, na missa,
mulheres, só mulheres à esquerda,
homens, só homens, à direita.
Na frente, as crianças,
no meio, os jovens,
atrás, os casados e os velhos.
O moço de olho na namorada,
olhando para a esquerda.
A moça de olho no namorado,
olhando para a direita.
Os sorrisos se cruzavam,
duros como paus,
eles se devoravam com os olhos.
Uma hora de missa
não é brincadeira,
girar a cabeça toda hora.
Só uma coisa acontece.
Na vila todos sabiam:
o torcicolo esquerdo,
é doença de calças,
a direita é doença de saia.
Esse acidente acontecia,
aos domingos na missa.

L'ultimo de l'ano

*De sèra, tuti in ciésa.
Te Deum par ringraziare,
ancora un ano de pí.
Tuti ze curiosi par savére
i dati che el Pàroco
costuma dare.
Sto ano ze successo:
Ze nati 30 cristiani,
se ga maridà 34 copie,
ze morti 12 nostri fradei.
El bilanso ze positivo,
tuti i ani un bon afare,
pí quei che nàsse che
quei che more.
Questa ze la vita,
el mondo va avanti...
chi ze andà
al mondo de lá
no i scolta pí gnénte.
Grassie al bon Dio,
mi son ancora qua.
Fin ca go fiá
ze par ringraziare.
Bon Ano Novo.*

O último dia do ano

À noite, todos na igreja.
Para agradecer a Deus
mais um ano vivido.
Estão todos curiosos para saber
os dados que o vigário
costuma dar:

- Este ano aconteceu:
nasceram 30 cristãos,
casamentos, 34,
faleceram 12 dos nossos irmãos
O balanço é positivo,
todos os anos um bom negócio,
mais nascem que
aqueles que morrem.

Esta é a vida,
o mundo vai em frente...
quem já foi
para outro mundo
não conta mais.

Obrigado ao bom Deus,
eu estou ainda aqui.
Até que tenho fôlego
é para agradecer.
- Feliz Ano Novo.

Fornire

*Cosa ze stá cosa?
A la festa del. Patrono,
ghe ze la procission.
Oltre a andarghe
tuti, dove la passa,
i colabora anca ne l'adobo.
Ne le finestre de le case,
vissìn la strada,
se fá la esposision;
fá piassere al Signore,
ma la ze anca una bèla esibission.
Se vede tuta ròba fina:
bordati, croché, lavori a fèri
nissói ricamà,
merleti fati a man.
Tuta ròba bèla.
Pincolando da le finestre,
fermà coi vasi de fiori ,
che i ze sempre bei
ma adesso serve a far peso,
par mostrar quello
chè ghe ze de pí bèlo.
El ze un santo ato de fede...
... e mostra de abilitá de le man.*

Enfeitar

O que é isto?
Na festa do patrono,
fazem a procissão.
Além de participar,
todos, por onde passa,
colaboram para enfeitar.
Nas janelas das casas,
próximas da rua,
faz-se a exposição;
para agradar o Senhor,
mas também uma linda exibição
Vêm-se tantas coisas finas:
bordados crochê, tricô,
lençóis refinados, renda feita à mão.
Todas coisas belas.
Pendendo das janelas,
seguros com vasos de flores,
vasos sempre belos,
mas agora servem de peso,
para mostrar aquilo
que existe de mais lindo.
um santo ato de fé...
... e amostra de habilidade manual.

I síci de rame

*Sabo, dopo mesodi,
la fontana publica,
é centro de atrassion.
Le dònne porta i rami
che le ga in cusìna.
Li sfrega col soldamene
oio fumante
e foié de saugaro,
fin che i diventa
lustri come l'óro.
Síci spurchi, scuri,
de doménega,
gnanca par idea.
Poaréti, si, ma niti.
Come se neta l'anima,
anca la cusìna
merita de èssare netàda.
Da'n'aria de vita,
de cosa nova, de rinovassion,
a védare i síci bei lustri.*

Os baldes de cobre

Sábado à tarde,
a fonte pública
é centro de atração.
As mulheres levam os *cobres*
que possuem na cozinha.
Os esfregam com calcário farinhoso,
ácido muriático diluído
e folhas de sabugueiro,
até deixá-los
brilhantes como o ouro.
Baldes sujos, escuros,
de domingo,
nem por sonho.
Pobrezinhos, sim, mas limpos.
Como se limpa a alma
também a cozinha merece ser limpa.
Dá um ar de vida,
de coisa nova, de renovação,
ao ver os baldes bem polidos.

Filó

*Ze fredo, ze note ,
Ze presto par dormire.
Va ben el caldin de la stala.
tuti serca de sentarse:
scagni, banchiti, bale de paia,
i ultimi se porta la caréga.
Filó, fa parte de la vita.
Se ciàcola, se conta le storie...
de fantasmi par impressionare,
se zuga qualcosa,
se fa lavori a man.
Quando ze pien de gente,
va ben la tombola.
Dopo, con la boca seca,
se beve la graspià.
Nol ze mia vin, ostrega,
ma gnanca nol ze acqua.*

Serão

É frio, é noite,
é cedo para dormir.
Vai bem o calor do estábulo.
Todos procuram sentar-se
bancos, banquinhos, formas de palha,
os últimos chegam com a cadeira.
Serão faz parte da vida.
Bate-se o papo, contam-se histórias...
de fantasmas para impressionar,
brinca-se de alguma coisa
Fazem trabalhos à mão.
Quando há muita gente,
vai bem a tômbola.
Depois, com a boca seca
bebe-se a *graspia*.
Não é vinho, caramba,
mas também não é água.

El trèno

*Eco, te senti?
Vien el trèno da Maran,
puntuale, come sempre.
Ze le nóve e vinti.
Quante volte i putèi
spetava el trèno passare.
Picoletto, lá de distante
poco a poco vegnéa grande:
ze el treno merci,
la machina sbufando,
i ga contà i vagoni:
i quarantadù, giusti.
I rnetéa na palanca co l'ava,
in sima da la rotaia.
Dopo passá le rode,
restava un patacon.
El machinista col "Roscoff"
dava l'ora esata. Tuti, nele case,
dal Prá alto fin le Ceresare,
da un' ociá ne la sveglia.
Se la marca l'ora giusta,
tuto ben, se no
i la mete giusta,
i regola l'orario
col el trèno che passa.
Fi, Fi, Fi, agiusta l'ora
par mi: Fi, Fi, Fi.*

O trem

Eis, você ouve?
Vem o trem de Marano,
pontual como sempre.
São nove e vinte.
Quantas vezes as crianças
esperavam o trem passar.
Pequenino, lá de longe
pouco a pouco ficava grande:
é o trem de carga,
a máquina bufando,
contavam os vagões:
quarenta e dois, certinhos.
Colocavam uma moeda
de dez centavos
em cima do trilhos.
Depois que passavam as rodas
ficava um *patacão*.
O maquinista com o relógio
dava a hora certa.
Todos nas casas,
do Prá alto até as Cerejeiras,
davam uma olhada no despertador.
Se estava com a hora certa,
tudo bem, se não estava,
regulava bem certinho,
acertavam o horário
com a passagem do trem.
Fi, fi, fi, acerta a hora
por mim: fi, fi, fi.

El cesso

*Tuti ze sporchi,
dentro e fóra, anima e corpo.
L'anima se neta in ciésa,
el corpo nel bagno.
Cosa da sióri.
Da noialtri solo el cesso,
par evacuare e orinare,
e nol ze dentro de casa,
quasi sempre, la fóra,
tacà a la casa, o anca
pí lontan ne la corte,
o in fondo a l'orto.
Saleta col nome de bagno,
con vasca o solo doccia,
ze un lusso, par i sióri
qua no, solo in sitá.
Come fai a netarse el corpo?
Tuti se rangia.
El mastelo, un sécio
nel seciàro in cusìna,
de nòte ben tardi,
o anca de dí ben bonóra.
Un rubineto de acqua,
una vascheta picola,
tuto serve.
Ma no, tuti i dí,
saón, in tuto el corpo,
solo al sabo,
par éssare bèlo a la doménega.*

A latrina

Todos são sujos,
dentro e fora, alma e corpo.

A alma limpa-se na igreja,
o corpo, no banho.

Coisa de ricos.

Para nós, a latrina;
para evacuar e urinar,
e não dentro de casa,
quase sempre, lá fora,
encostado na casa, ou também ,
mais longe no pátio,
ou no fundo da horta.

Saleta com o nome de banheiro,
com banheira ou só ducha,
é um luxo, para os ricos,
aqui não, só na cidade.

Como fazem para lavar o corpo?

Todos se arranjam.

Uma tina, um balde,
na pia da cozinha,
de noite bem tarde,
ou também bem cedinho.

Uma torneira de água,
uma vasilha pequena,
tudo serve.

Mas não todos os dias,
sabão em todo o corpo
somente no sábado,
para ser bonito no domingo.

El capèlo de me nòno

*El géra el pí bèlo de tuti.
In paese una novità
cosa fina, marca London.
Lo ga portà tuta la vita.
Se lo metéa in testa,
ghe dava 'na indrissada,
un strucon e géra tuto in ordine.
Lu géra pelado e lo portava sempre,
se lo cavava solo par dormire.
Adesso nol ga pí forma,
el ze quasi rotondo,
sensa risvolto intorno
sensa la piega in mèso.
Par védare come el géra,
vardo l'unico ritrato,
de me nòno col capèlo.
Varda ció, come el géra bèlo.
Adesso mi me lo meto,
bem in mèso a la testa,
un strucon, el ze a posto.
Una vera reliquia.*

O chapéu de meu avô

Era o mais bonito de todos.
Na vila era uma novidade,
artigo fino marca *London*.
Ele o usou toda a vida.
Colocava-o na cabeça,
dava uma ajeitada,
um aperto e tudo estava em ordem.
Era careca e o trazia sempre,
Tirava-o somente para dormir.
Agora não tem mais formato,
é quase redondo,
sem faixa em volta,
sem a dobra no meio.
Para ver como foi bonito,
olho o único retrato,
de meu avô com o chapéu.
Puxa, olha como era bonito.
Agora eu o meto,
bem no meio da cabeça,
um aperto e já esta no lugar.
Uma verdadeira relíquia.

El sbrégo, el tacon

I tessuti ze cari.

*Anca la ròba pí modesta,
par lavorare i campi,
no se pole comprarla.*

*I schèi ze puchi,
ma la dignità resta.*

*Ròba sporca e sbregá,
gnanca pensarlo.*

*Alora, fato lo sbrégo,
ne la camisa o nele braghe,
se lava ben pulito,
e nel sacco de le strasse,
se serca un toco,
che el ghe someia.*

A secondo se el ze:

*buso sbrégo curto o longo,
se fa el formato del tacon.*

*Dopo giusta, quando se meteva su,
la femena, no la diséa:*

- Varda che bèla camisa, o

- Varda che béle braghe.

Diséa: - Varda che bel tacon.

Valéa la pena che el fusse giusta.

O rasgo, o remendo

Os tecidos eram caros.
Também a roupa mais modesta,
para trabalhar nos campos,
não se podia comprá-la.
O dinheiro era escasso,
mas a dignidade ficou.
A roupa suja e rasgada,
nem pensar.
Então feito o rasgo,
na camisa ou nas calças,
lavava-se bem limpo,
e no saco de retalhos,
procurava-se um pedaço,
que fosse parecido.
Conforme o furo:
raso, curto ou longo,
fazia-se o formato do remendo.
Depois do conserto, usava-se de novo.
A mulher não dizia:
- Olha que bonita camisa.
Ou: - Olha que bonita calça. E sim:
- Olha que lindo remendo
Valia a pena que fosse costurada.

Le sgàlmare⁽¹⁾

*Col calor d'istà
i poaréti 'ndava in sata.
Calseti e scarpe,
ròba da sióri.
Scarpe solo la doménega.
Col fredo le sgàlmare,
i metéa su nei piè.
Fate de legno,
in sima corame cruo.
Gnénte pátina ,
gnanca lustro,
le géra béle cùssi,
al naturale.
Come le ze fate de legno,
la sola no la pole girare,
par ándare de acordo col passo.
Ándare coe sgàlmare,
bisognava savér ándare:
ghé voléa classe.*

(1) Tamancos fechados, tipo botina

Os tamancos

Com o calor de verão
os pobres iam descalços.
Meias e sapatos
eram coisas de ricos.
Sapatos, só aos domingos.
Com o frio, calçavam
os pés com tamancos.
Feitos de madeira,
em cima couro cru.
Nada de graxa,
nada de lustrar,
eram bonitas assim,
ao natural.
Feitas de madeira,
a sola não dobrava,
acompanhando o passo.
Para caminhar com os tamancos
precisava saber andar:
tinha que ter jeito, classe.

Le marene

*Col caldo d'istá,
gelati solo in sitá.
L'Angelica tirava licensa,
metéa na tòla in córte
e scagni par i clienti.
Una lastra de giasso,
una piòna par rasparlo.
Impienava i biceri,
de giasso raspá,
e conforme i voléa
ghe metéa du cuciari
de siropo de granatina.
El giasso diventava rosso.
El se magnàva col guciarín.
Podéa èssare col tamarindo
lí diventava marron,
pi caro, altro padron.
I túsiti i géra mati,
tuti voléa la marena.
Con la scusa li acompagnava,
anca i grandi se delissiava.
Rinfresco de poaréti, che bon.*

As raspadinhas

Com o calor de verão,
sorvetes só na cidade.
A Angélica tirava licença,
punha uma mesa no pátio,
e banquinhos para os fregueses.
Uma barra de gelo,
uma plaina para raspá-lo,
enchia os copos de gelo,
bem raspadinho, fino,
e conforme queriam,
punha duas colheres
de xarope de groselha
O gelo ficava vermelho.
Comia-se com colherinha.
Podia ser com tamarindo,
ai ficava marrom,
mais caro, outro produto.
Os meninos eram loucos,
todos queriam raspadinha.
Com a desculpa de acompanhá-los,
também os adultos se deliciavam.
Refresco de pobres, que bom.

El balo

*Musica, maestro.
Podea èssare l'orchestra,
come solo la fisarmonica.
Túsi e tóse girava ne la pista.
Copie discrete... a distanza,
altri pi furbi... se sfregava,
se tegnea streti.
Rivalità esiste sempre,
specialmente fra grupi
de túsi de un'altro paese.
I túsi de Giavenale,
i ze andà balare a San Vito.
Tuto combinà prima.
Invitava le tóse a balare
e quele che no ghe stava,
quando le balava con un altro,
i le spunciava nel da drìo,
con guce o spili.
Spuncia una, do, tré volte,
la barufa frá i du grupi,
la ze impiantà.
Urtuni, sberlòti, calci, pugni.
Una carèga nel lampadario...
Tuto scuro, la barufa continua.
Quei de Giavenale...
uno a la volta ze andà via.
Finìo de rompare tuto,
ze restà nel salon...
quei de San Vito, tuti macà.
I se ga pestà, fra luri.*

O baile

Música, maestro.
Podia ser orquestra,
como também só a sanfona.
Moços e moças rodavam na pista.
Duplas discretas... à distância,
outros mais espertos... esfregavam-se
mantinham-se apertadinhos.
Rivalidade existe sempre,
especialmente entre grupos
de moços de bairros diferentes.
Os moços de Giavenale,
foram dançar em São Vito.
Tudo combinado antes.
Convidavam as moças para dançar,
e aquelas que não aceitavam,
quando dançavam com outro,
as espetavam no traseiro,
com agulhas ou alfinetes.
Espeta uma, duas, três vezes,
a briga entre os dois grupos,
já começou...
Empurrões, bofetadas, pontapés, murros.
Uma cadeira no lampadário...
Tudo escuro, a briga continua.
Aqueles de Giavenale...
um a um se afastavam.
Tendo quebrado tudo,
ficaram no salão...
aqueles de São Vito, todos machucados.
Brigaram entre si...

Siopero in ciésa

*Come sempre, tute le doméneghe
tuti i parochiani in ciésa
El géra un costume de faméja,
tanto fusse el pàroco
o el capelàn, a dir messa.
Tuti se 'ndava ben,
con el vècio pàroco,
ma 'ndava de pí,
col zovane capelàn.
Entra la gelosia,
se discute, se varda mal.
El vècio pàroco va
con le so razon,
parlare col vescovo.
El capelàn ze tirà de lá,
senza spiegassion.
I fedeli se ciapa a male,
el capo dei sindacati,
sugerise: Femo siopero.
- In ciésa, no. - Dize quaicun.
- In ciésa, sì - Dise tuti.
Tute le doméneghe,
par tré lunghi mesi,
nessun in ciésa,
né picoli, né grandi, né vèci.
Solo el pàroco col el sacrestàn.
El risultato del siopero?
El vècio pàroco, se ga dimesso.
Torna de novo el capelàn,
adesse col titolo de pàroco
Ze tornà par restare.*

Greve na igreja^(*)

Como sempre, aos domingos,
todos os paroquianos na igreja.
Era um hábito de família,
tanto fosse o pároco
ou o capelão a rezar a missa.
Todos se davam bem,
com o velho pároco,
mas se davam melhor ainda
com o jovem capelão.
Começa o ciúme,
discutem, olham-se mal.
O velho pároco vai,
com suas razões,
falar com o bispo.
O capelão foi afastado de lá,
sem explicações.
Os fiéis ficam sentidos,
o chefe dos sindicatos sugere:
- Façamos greve!
- Na igreja, não - diz alguém.
- Na igreja, sim - dizem todos.
Todos os domingos,
por três longos meses,
ninguém na igreja,
nem crianças, nem adultos, nem velhos.
Só o paroco e o sacristão.
O resultado da greve ?
O velho pároco demitiu-se.
Voltou de novo o capelão,
agora com o título de pároco.
Voltou para ficar.

(*) Paróquia de Monte Magré

El batesimo

*Nasséa el fiólo ,
òto dí dopo,
el se batesava.
Ghe vole i sàntoli,
chi pole èssare?
Sempre se invitava dù,
che stavan de òcio.
I futuri sàntoli,
i ga l'ocasion,
de stare in compagnia.
Insieme andava in ciésa,
batesava el neonato,
i tornava col fiòsso.
Festa in casa,
i du sàntoli,
sta sempre vissìn,
come dù colombi.
Finia la festa,
la comàre diséa:
- Come saria bèlo
se i sàntoli fosse uno.
Quasi sempre finia cùssi:
i dú sàntoli se sposava.
Dupio afare:
un cristian e...
una copia de sposi, de pí.*

O batismo

Nascia o filho,
oito dias após,
era batizado.
Precisam de padrinhos.
Quem pode ser?
Sempre se convidavam,
dois que se estavam... olhando.
Os futuros padrinhos
têm a ocasião,
de ficarem juntos.
Juntos saem para a igreja,
batizam o recém-nascido,
e voltavam com o afilhado.
Festa em família,
e os dois padrinhos
estavam sempre juntos,
como dois pombinhos.
Acabada a festa,
a comadre dizia:
- Como seria belo
se os padrinhos... fosse um...
Quase sempre terminava assim:
os dois padrinhos casavam-se.
Duplo negócio:
um cristão e...
uma dupla de esposos a mais.

Le baléte

*Tuti i túsiti zugava.
Zughi de tuti i tipi.
Solo par putèi
O solo par tosète.
Ma uno géra pí bélo
serviva par tuti:
zugar le baléte.
Drìo la strada
de terra o in còrte,
terreno ben piano,
una piccola buseta.
Le baléte de terracota,
bèle, de tuti i colori.
Ghi n'érá anca de vèro.
A zenòci in tera,
se mira e se fá partire
col déo indice o medio,
para far entrar le baléte,
nel buso rotondo.
Géra un mini-golf.
Ma anca ciupascóndare
géra bèlo, interesante.
A volte, a posta
se scondeva in dú,
nel stesso posto,
e fin che spetava
par èssare scoverti...
una palpadela, un strucon...
un baseto.*

As bolinhas de gude

Todas as crianças brincam.
Jogos de todos os tipos.
Só para meninos ou
só para meninas.
Mas um era mais bonito,
servia para todos:
brincar com as bolinhas.
Ao longo da estrada
de terra ou no quintal,
terreno bem plano,
um pequeno buraco.
As bolinhas de terracota,
lindas, de todas as cores.
Apareceram também as de vidro.
Joelhos na terra,
mira-se e faz-se partir
com o dedo indicador ou médio,
para fazer entrar a bolinha
no buraco redondo.
Era um minigolfe.
Mas também o esconde-esconde
era belo, interessante.
Às vezes, de propósito,
escondia-se em dois,
no mesmo lugar,
até que esperavam
para serem descobertos...
uma apalpadela, um aperto...
um beijinho.

Le bugànse

*Se ciapa d'inverno.
Cominsia la spissa,
ben nei calcàgni.
Se sfrega un piè con l'altro,
nol cava la spissa,
ma fa piassere.
Come ze bon, che delissia,
sfrega ca te sfrego,
frà caldo e fredo,
fai calcàgni pí russi,
fin che i crepa.
Li, se mete insieme,
la spissa e el dolore.
No ghe ze gnénte da fare
solo spetar che l'inverno passe.
Par caminar, che fadiga.
Gnénte scarpe o scarpuni,
solo se podeva usare i "noni".
Con sóla fina, tomaia de pano,
fin sóra le caéce.
bei, legeri, sofici.*

As frieiras

Pegam-se no inverno.
Começa a coceira,
bem no calcanhar.
Esfrega-se um pé no outro,
não acaba com a coceira,
mas dá prazer.
Como é bom, que delícia,
esfrega-que-esfrega,
entre calor e frio,
faz os calcanhares mais roxos,
até que racham...
Aí misturam-se,
coceira e a dor.
Nada mais a fazer,
só esperar que passe o inverno.
Para caminhar, que fadiga.
Nada de sapato ou sapatões,
Só se podia usar chinelos de pano,
Com a sola fina, cobertura de pano,
até à altura da canela.
Belos, ligeiros, confortáveis.

La mussa

*La stava in stala,
ne la corte dei Munareti.
La géra vècia, tanto vècia,
che nessun savéa quanto.
I la usava poche volte;
con ela gnénte pressa.
Mi 'ndava con ela a Schio,
comprar lastre de giasso,
par conservar el butiéro.
Baterla no aiudava gnénte,
no la corea, solo caminava,
Nazéa a ritirar el giasso,
sóto el marcá covèrto.
La ghe metéa dò ore.
Tornando indriò, mi a la bateva,
aiudava, la strada in discesa.
Quando la rivava ne latarà
sgiossolando, sóto el sole,
tanto la mussa straca,
come le lastre de giasso,
che rivando a destino,
le géra tanto pí fine.*

A mula

Vivia no estábulo,
no pátio dos Munareti.
Era velha, tão velha
que ninguém sabia quanto.
Usavam-na bem pouco;
com ela nada de pressa.
Ia com ela a Schio,
comprar barras de gelo,
para conservar a manteiga.
Bater nela não ajudava nada;
não corria, só caminhava,
Ia retirar o gelo
sob o mercado coberto.
Empregava duas horas.
Voltando, batia nela,
ajudava, a estrada em descida.
Quando chegava à usina,
derretendo, debaixo do sol,
tanto a mula cansada,
como as barras gelo
que, chegando ao destino,
já eram bem mais finas.

La córte de le bale

*Ghe ne géra tre,
lá a Giavenale.
Lá pí livelá, al Prá Alto,
la pí popolare dala Figara,
la pí poaréta ale Proe.
Se zuga individuale,
a bociar el balìn.
Nei dù fundi,
stecati, con tela alta.
Anca cussí, pi de na volta,
i ga ciapà el balìn,
ben ne la testa.
Anca mi son stá vitima,
solo che go ciapà,
la pí grande de le bale,
ben ne la culàta.
Bócia de dodaze ani,
go traversà senza vardare.
Go sentio: - Sta atento.
La me ga butá lontan
pí de dù metri.
I me ga dito su de tuto...
Son andá mèso sòto
pi de una setimana.*

Campo de bochas

Existiam três,
lá em Giavenale.
A mais nivelada no Campo Alto,
a mais popular, da Figara,
a mais pobre, as Proe.
Jogava-se sozinho,
para bater no balim.
Nos dois extremos,
paredes de tábuas e tela alta.
Mesmo assim, mais de uma vez,
acertaram o balim
na cabeça de alguém.
Também fui vítima,
só que tomei
a mais grossa das bochas
bem no traseiro.
Meninão de doze anos,
atravessei sem olhar.
Só ouví: - Fica atento.
Jogou-me longe,
mais de dois metros.
Xingaram-me de tudo.
Andei arrastando a perna,
mais de uma semana.

I adorni

*Lassemo da parte,
quei de le femene.
Stavolta parlemo dei òmini
Come i ze pieni de storie:
El capèlo in testa,
nel posto dei cavèi.
Ociài scuri par el sole.
Cravata al colo.
Stechete nela ponta,
del còleto de la camisa
Fasoletin nel taschin.
Gilé sóto el paletó,
nel taschin el Roscoff.
con la caenela d'argento,
dondolante a vista.
Polsini nele maneghe.
Tirache sóra la camisa,
par tegner su le braghe.
Tacuin in scarsèla,
pien de palanche.
Bagolina in man,
va par la strada pian, pian.
Bochin pendente da la boca,
fumeti par l'aria, senza diression.
Braghe col risvolto.
Ghete sóra le scarpe.
Far de tuto par mostrarse.
La so arte ze conquistare.*

Os adornos

Deixemos de lado
aqueles das mulheres.
Desta vez falemos dos homens.
Como são cheios de histórias.
A palheta na cabeça,
no lugar dos cabelos.
Óculos escuros para o sol.
Gravata no pescoço.
Barbatanas nas pontas
do colarinho da camisa.
Lencinho no bolsinho do terno.
Colete em baixo do paletó,
no bolsinho, o relógio,
com a correntinha de prata,
balançando à vista.
Abotoaduras nas mangas.
Suspensório sobre a camisa
para segurar as calças.
Porta-níquel no bolso,
cheio de moedinhas.
Bengala na mão,
vai pela estrada devagar,
Piteira pendendo na boca,
fumacinha pelo ar, sem direção.
Calças com dobra embaixo.
Polainas sobre os sapatos.
Fazer de tudo para exhibir-se.
A sua arte é conquistar.

Stirar... stí àni

*La ròba ze lavà,
la speta de èssare stirà.
Legna par el fogo,
fogo par far brónse.
Entra el fèro da stiro,
de ghisa, alto, lavorà,
con covèrcio e mànego.
Se inpiena de brónse,
par scaldare el fèro.
Se agita ne l'aria,
col brasso a dondolare.
La punta del déo,
bagnà de saliva,
nel pian lissio,
prova, toca, sfritiga:
El fèro ze caldo,
nel punto giusto,
par non incandir i pani.
Solo una man abile,
move sóra la ròba,
bianca, fina, delicata,
el pesante fèro da stirare.
L'unico punto positivo:
non bisogna strucare,
bastava el peso del fèro.*

Passar roupa, antigamente

A roupa é lavada,
espera ser passada.
Lenha na lareira,
fogo para fazer brasas.
Entra o ferro de passar,
de ferro fundido, alto,
com a tampa e o cabo.
Enche-se de brasas,
para aquecer o ferro.
Agita-se no ar,
com o braço a balançar.
A ponta do dedo,
molhada de saliva,
no plano liso, prova, toca, frige.
O ferro está quente,
no ponto certo,
para não amarelar os panos.
Somente uma mão hábil
move-se sobre a roupa,
branca, fina, delicada,
o pesado ferro de passar.
Único ponto positivo:
não precisa calcar,
bastava o peso do ferro.

El vènto

*El vien nel mése de Aprile,
e sofia continuo,
ne le réce de la gente.*

*El ze anca 'na atrassion,
védar i cavèi despetenà
e i capèi zolare.*

*Corare drìo al capèlo,
a volte ze anca bélo.*

Ze alegro, diferente.

*Un ano, giusto de Aprile,
ze vegnú fóra el film: Vénto.*

Vènto, portame via con ti.

Cantà da Giuseppe Lugo.

*Tuti i ga inparà a cantare ,
tanto che in quel mése,
ga stufá de pi la cansón,
che el vento ne le réce.*

O vento

Vem no mês de abril,
e sopra contínuo
nas orelhas da gente.
É também atração
ver os cabelos despenteados
e os chapéus voando.
Correr atrás do chapéu
às vezes é divertido.
É alegre, diferente.
Um ano, justo em abril,
apareceu o filme: *Vento*.
Vento, leva-me longe contigo.
Cantado pelo tenor Lugo.
Todos aprenderam a cantar
tanto que naquele mês
encheu mais a canção,
que o vento a soprar nas orelhas.

Polènta

*La ze bèla sul panàro,
zala come l'óro.
Ròba da poaréti.
Ouesto nol ze vero,
el ze un piato popolare.
La va ben da sola,
mèio ancora se acompagnà.
Strucà ne l'òio de oliva.
Coi fighi, coi cachi,
seóla, radici e fasú.
Con la rénga, el scopetón,
ze delissia col bacalà.
Meio ancora col late,
o col formáio... verde.
Con carne e pòcio.
Pol èssare frita o brustolá.
Ció, da sióri ze polènta onta e osèi,
piato forte par chi gà schèi.
Prelibata per i veneti,
ze fata de boconi teneri,
tanto par chi ga dente,
la dentiera o... gnénte.
Ze de fàssile digestion,
ghe vol vin in abondánsa.
Alora, viva la biónda polènta.*

Polenta

Que bela sobre a tábua,
amarela como o ouro.
Coisa de pobrezinhos.
Isto não é verdade,
é um prato popular.
Ela vai bem sozinha,
melhor ainda, se acompanhada.
Esmagada no óleo de oliva.
Com figos, com caqui,
cebola, almeirão ou feijão.
Com arenque, o *scopeton*,
é delícia com o bacalhau.
Melhor ainda com leite,
ou com queijo... gorgonzola
Com carne e molho.
Pode ser frita ou tostada.
O de rico é com passarinhos,
prato forte para quem tem dinheiro.
Especialidade dos vênetsos,
feita de bocados macios,
tanto para quem tem dentes,
a dentadura ou... nenhum.
É de fácil digestão,
requer vinho em abundância.
Então, viva a loira polenta.

Cambia el tempo

*A quel tempo, i vèci,
i stava pí atenti,
par le cose de la natura.
I savéa tante ròbe.*

*Quando, coi cali nei piè,
i segni ne la pansa,
de l'ernia o apendisite,
o quel zenòcio macà,
da tanto tempo,
scomodava, i dava el segnal:*

- El tempo cambia.

*Parola certa, giusta,
no ghe géra sbagli.
Podeva èssare tuto nùvolo,
non sucedeva gnénte,
ma quela piccola nùvola,
lá ben in direccion del Garda,
- Preparate che vien el temporal.*

*I savéa quando géra ora de
taiar l'erba nei campi,
e tor su el fien.*

*Adesso ghemo el satelite,
che sa manco dei vèci.
Ze pien de ròbe, de fili,
ma nol ga i cali.*

Muda o tempo

Naquele tempo, os velhos,
estavam mais atentos
para as coisas da natureza.
Sabiam tantos segredos.
Quando os calos nós pés,
as cicatrizes na barriga,
da hérnia ou apendicite,
aquele joelho machucado,
há muito tempo
reinavam, davam o sinal:
- O tempo muda.
Palavras certas, justas,
não havia engano.
Podia estar tudo nublado,
não acontecia nada,
mas aquela pequena nuvem,
lá bem na direção do lago de Garda
- Preparem-se que vem temporal.
Sabiam quando era para
cortar o capim nos campos,
e recolher o capim seco.
Agora temos o satélite,
que pode menos que os velhos.
É cheio de coisas, de fios,
mas não tem os calos.

I cavèi de le dònè

*Géra difisile savére
se la géra bionda o bruna.
Testa coverta col fassolèto,
quando la in ciésa, col velo.
Tute col cocón,
ciapá de drìo ne la copa,
Dopo la moda ga portà,
la permanente par increspar i cavèi.
Processo far í rissi
che fa le dònè bèle.
Cavèi intorno a la testa,
liberi, ondulà da festa.
Adio cocón. Quanto lavoro
par tegnerlo sù, ben.
Ze mèio adesso védare
la dònà con la permanente,
la ze pí elegante, pí atraente.
La ze pí naturale.
In ciésa ze bèlo,
néssuna pi col velo,
tute teste da espòrre:
la permanente... ze par l'amore.*

Os cabelos das mulheres

Era difícil saber
se era loira ou morena.
Cabeça coberta com lenço,
quando na igreja, com véu.
Todas com o coque,
preso atrás na nuca.
Depois a moda trouxe
a permanente para os cabelos.
Processo para encrespar
que faz as mulheres lindas.
Cabelos em volta da testa,
livres, encrespados, é festa.
Adeus coque, quanto trabalho
para segurá-lo bem.
Bem melhor agora ver
a mulher com a permanente,
é mais elegante, mais atraente.
É bem mais natural.
Na igreja, é lindo,
ninguém mais com véu,
todas as cabeças à mostra:
a permanente... é para o amor.

Cavài de fèro

*Scominsia la machina a vapore
dei fradèi Suchiti.
Dopo ze rivà el tratore
che 'ndava col combustibile.
Automobili non ghe géra.
Solo el dottor Bertoldi,
do volte a la settimana,
vegnéa a trovare i malá,
co la so vetura,
El resto tuti: caréto; carossa
a timonela o birocín.
La prima moto,
ze vegnú pí tardi,
col sior Ninin Castaldo.
Ghe gèra Toni meccanico,
giustava e montava le mòto.
Dopo la guerra del quaranta,
la evolussion ga portá,
le moto in quantità.
Le prime topolino Fiat,
e le Volksvaghen tedesche.
Ze finio l'ambiente bon ,
tuti insieme infeta l'aria e el son.*

Cavalo de ferro

Inicia a máquina a vapor
dos irmãos Suchiti.
Depois chegou o trator,
que andava com o combustível.
Automóveis não se viam.
Só o médico Bertoldi,
duas vezes por semana,
ia visitar os doentes,
com a sua *baratinha*...
O restante, todos: carreto, carroça,
trole ou carruagem.
A primeira motocicleta
chegou mais tarde,
com o senhor Ninin Castaldo.
Apareceu Toni, mecânico,
consertava e montava as motos.
Depois da guerra de 40,
a evolução trouxe,
motocicletas em quantidade.
As primeiras *Topolino Fiat*,
e a Volkswagen alemã.
Acabou o ambiente bom.
todos juntos contaminam ar e som.

Album de la faméja

*Par tornar tempo indriò,
òciar veci ricorcdi ,
méio vardare l'album.
La storia de la faméja,
contá coi ritrati.
Elo pìcolin, nudo.
Ela pìcolina, nuda.
La prima volta insieme.
I dù ne l'altare
disendo sí, un par l'altro.
El viàgio a Venezia:
che bèlo el Canal Grande.
El primo de la fila ,
ze'na femena ,
alora vegna dei altri.
Varda ció, la ròba del primo,
gà servíio fin a l'ultimo.
La prima comunion dei fióli.
Ciascun coi so compagni,
quando ze finia la scóla.
Tuta la faméja, na Pasqueta,
in mèso a le viole e al'erbeta.
La zia Maria, zitela.
E quà le nòsse de òro
dei nòni quasi... véci.
Sui scalini de la ciésa,
tuti insieme i familiari,
coi parenti e amissi.
La prossima foto sarà
par tuti quei che restarà.*

Álbum de família

Para recordar o passado,
olhar velhas lembranças,
melhor ver o álbum.
A história da família
contada com retratos.
Ele pequeno, nu.
Ela pequena, nua.
A primeira vez juntos.
Os dois no altar,
dizendo sim um para outro.
A viagem a Veneza:
que belo o Canal Grande.
O primeiro da fila
é uma mulher.
Então que venham mais.
Olha a roupa do primeiro,
serviu até o último.
A primeira comunhão dos filhos.
Cada um com seus colegas,
quando terminaram as aulas.
Toda a família na Pasquela,
no meio das violetas e grama.
A tia Maria solteira.
E aqui as bodas de ouro,
dos avós quase... velhos.
Sobre os degraus da igreja,
todos juntos, os familiares;
com parentes e amigos.
A próxima foto será
para todos os que ficarem.

Pippo

*Tempo de guerra,
ano 1944 dopo Cristo.
Scunti ne le montagne,
i partigiani che no vol
servir la Republicheta Fascista.
Oscuramento totale, de nòte.
Pipo el vien a portare de tuto,
Par i òmini de la montagna.
Bisognava star tenti,
che no scapasse 'na luce da casa,
géra indissio de segnale falso,
podéa vegner in sima 'na bomba.
El rumore de l'aereo solitario,
ne le nòti silenziose
mantagnea i òci verti.
'na luce qua vissìn,
ze un pericolo par tuti,
Tuto scuro, el vá via,
passa e vá, par i só afari.*

O avião Pippo

Tempo de guerra,
ano 1944 depois de Cristo.
Escondidos nas montanhas,
os *partigiani* que não queriam
servir a republiqueta fascista,
Escuridão completa à noite.
Pippo vem trazer de tudo,
para os homens da montanha.
Precisavam estar atentos,
que não escapasse luz de casa,
era indício de sinal falso,
podia cair em cima uma bomba.
O rumor do avião solitário,
nas noites silenciosas,
mantinha todos de olhos abertos.
Qualquer luz que aparece perto
é um perigo para todos.
Tudo escuro, ele vai embora,
passa e vai para o seu negócio.

El campanelo

*Nol géra un lusso superfluo.
L'unico de tuta Giavenale.
Fondo de oton, curvo,
botón bianco ín mèso.
Istalà ne 'pilaastro destro
del portón de entrata.
El campanelo a martèlo,
sóra la porta de la càmara.
Serviva de nóte par ciamare:
Giovani infermiere, urgente,
védare e trattare l'amàlá.
Serviva anca par sveiarse.
Tuti i dí ale quatro,
sonava la svelia.
Dal campanelo vegnéa
dù fili: un filo traversá
e l'altro col gancio sóra,
picà na chiave par dar mola
de drìo de svelia.
Ale quatro, quando la sonava,
scascava el gancio, i fili se tocava,
e el campanelo fazéa dueto con la svelia
El rumore sveiava anca un sordo.
Giovani, saltava dal letto
distacava i dù fili in contato.
Stava sveià par lavorare.*

A campainha

Não era um luxo supérfluo,
a única de toda Giavenale.
Fundo de latão curvo,
botão branco no meio.
Instalado no pilar direito,
do portão de entrada.
A campainha a martelo
sobre a porta do quarto.
Servia de noite para chamar:
Giovani enfermeiro, urgente,
ver e tratar os doentes.
Servia também para acordá-lo.
Todos os dias às quatro
tocava o despertador.
Da campainha saíam dois fios:
um fio atravessando outro
com gancho em cima,
perndurado na borboleta
para dar corda
atrás do despertador.
Às quatro, quando tocava,
caía o gancho e os fios se encostavam
e a campanha fazia dueto,
com o despertador.
O rumor acordava até um surdo.
Giovani pulava da cama,
separava os dois fios em contato.
Estava desperto para trabalhar.

El paiàro

*Stí ani géra 'na arte.
Savér far el paiàro.
Pàia de frumento, bèla, zala.
Palo in mèso e forca in man.
Nol pole èssare strucá,
gnanca massa gonfio,
intorno o da 'na parte.
Andava sù con curva soave,
d'acordo co l'altessa.
Se el géra ben alto, pí difficile,
manegiare la pàia, ne la scala.
Tuti vardava e diséa:
- Che bélo, ció.
Un bel paiàro.
Ma... qualche volta, no.
- Compare, scusame ma...
credo te ghe bisogno de ociài.
I ga inventà la imbalatrice.
No esiste pí paiàri
Te miti le bale de pàia,
una só a l'altra.
Bon, tuti sa farlo,
no ghe ze nessuna arte*

O palheiro

Antigamente era uma arte
Saber fazer um palheiro.
Palha de trigo, bela, amarela.
Ponteiro no meio, forquilha na mão.
Não pode ser tão socado,
nem tanto estufado,
em volta ou de um só lado.
Subia com curva suave,
de acordo com a altura.
Se era bem alto, mais difícil
manejar a palha, na escada.
Todos olham e dizem:
- Puxa, que belo. Um belo palheiro
Mas... às vezes, não tanto.
- Compadre, desculpe mas...
creio que você precisa de óculos.
Inventaram a máquina de prensar.
Não existe mais palheiros.
As formas de palha,
uma sobre as outras.
Bom, todos sabem fazê-lo,
não é nenhuma arte.

Bicicleta

*Caminar a piè fà ben,
ma straca e se và
piàn e poco lontan.
Vien el biciclo con
roda grande davanti, coi pedai
e roda piccola da drìo.
Manubrio e selin.
Me nòno ze andà ,
e el ritrato ga tirá.
Dopo se gá ciamà bicicleteta,
pi moderna, rode compagne
con copertoni e camaradarie,
Pedai nel telaro.
Rode dentá e caéna.
Andava solo i òmini,
le femene gnanca pensarlo.
Le dònne pí coragiose,
le ga scurta le còtole
e ga imparà ándare.
Mama mia, che scandalo.
Causa mèso giro de pedai,
‘na gamba bassa, l’altra alta,
mostrando un tòco de galon,
in sima del zenòcio.
Visto che la ze pratica,
tante dònne la usa.
Tute mostra le gambe,
i òmini ócia e no fà pí caso.
Le ze tute compagne
no ghe ze pí novità.*

Bicicleta

Caminhar a pé faz bem,
mas cansa e vai-se
devagar e pouco longe.
Vem o *biciclo* com
roda grande na frente, com pedais .
roda pequena atrás.
Guidão e selim.
Meu avô andou nela
e retrato ele tirou.
Depois foi chamada bicicleta,
mais moderna, rodas iguais.
Com pneus e câmara-de-ar,
pedais no quadro.
Rodas dentadas e corrente.
Andavam nela só os homens,
as mulheres, nem pensar.
Aqueles mais corajosas,
encurtaram as saias,
e aprenderam a andar.
Mamma mia, que escândalo.
Devido à meia volta dos pedais,
uma perna baixa, outra alta,
mostrando uma parte da coxa,
acima do joelho.
Visto que ela é prática,
muitas mulheres a usam.
Todas mostram as pernas,
os homens olham e não ligam mais.
As pernas são todas iguais,
não existe mais novidade.

La serenata

*La ze bèla quando ze improvisà,
ma adesso no se pol pi.
Un can li ga atacà
e tochi de braghe ze restà.
Sabo de nòte, tuto combinà,
orario: mesànote e...
can tacà na caéna.
In quatro: el cantante,
violin, mandolin e chitara
Cominsiava con vosse dólse:
- Mesànote, chi dorme, chi sogna,
chi sospira un canto d'amor...
Dopo cantava: - Finestra chiusa,
come un sogno de follia...
La tósa verzéa: el balcon
e faséa segni con la man.
... na volta, se ga sveià so pare...
da la finestra ze vegnú,
un urinal pien de pisso,
che el ga smorsà l'entusiasmo
dei romantici menestrelì.*

A serenata

É bonita quando improvisada,
mas agora não é mais possível.
Um cachorro os atacou,
e ficaram pedaços de calças,
Sábado a noite, tudo combinado,
horário: meia-noite e...
cachorro amarrado na corrente.
Em quatro: o cantor,
violino, bandolim e violão.
Iniciava com voz doce:
- Meia-noite, quem dorme, quem sonha,
quem suspira um canto de amor...
Depois cantava: - Janela fechada,
como um sonho de folia...
A moça abria a janela,
e fazia sinais com a mão.
Uma vez, acordou o pai...
da janela, caiu fora
um urinol cheio de urina,
que apagou o entusiasmo
dos românticos trovadores.

Campane

Vedarle picà sú, ferme,
I'impression ze che
le fá solo: din, dòn, dan.
No ze vero. Le tré camaane
bate in diversi modi:
suon a distesa, festivo, solene,
seco, smorsá e a martèlo.
A distesa le ciama i fedeli,
per le cerimonie in ciésa.
Diminuendo el tempo
frá'na batociada e un'altra
diventa ben alegre, divertio.
O solene se durante
la funsion religiosa.
I ze tóchi lunghi separà.
Le campane se ferma
de boca per il cielo.
I campanari assicura le corde
e dopo controla par fermarle
de novo in alto.
A mezodì toca sèco,
a le sie, l'ave maria
ze un batociar smorsa, straco.
Anuncio de morte: tono triste,
dù culpi final: ze morta 'na dònna,
tré culpi final: ze morto un òmo.
La nòte dei morti, pí triste ancora.
Sóna a martèlo: la morte de putèlo.
Quando ghe ze bisogno de aiuto:
come par un incendio.
Tuti sa distinguere.
Mi li conosso ben, i campanari.
Quando géra piccolo,
cominsiava tocar la campana,
coréa come un liore e dava tempo
cíapar la corda e frenar piànin
fin a fermarla.
Mi me briscolavo sú e zo...
Quando i me domandava:
- Còssa te vé fare,
quando te sará un òmo?
Mi rispondevo a tuti:
- Ostrega, el campanaro.
Risate a volontà.

Os sinos

Vê-los dependurados, parados,
a impressão que fazem só: din,don,dan,
Não é verdade. Os três sinos
batem de diversos modos:
som livre, festivo, solene,
seco, apagado e a batidinhas.
Livres, chamam os fiéis,
para as cerimônias na igreja.
Diminuindo o ritmo
entre um batoque e outro,
fica bem alegre, divertido.
O toque solene é durante
a função religiosa.
São toques longos separados,
os sinos param
de boca para o céu.
Os tocadores seguram as cordas,
e depois controlam para pará-las
de novo no alto.
Ao meio-dia toca seco,
seis da tarde, a Ave Maria,
um batucar apagado, cansado.
Anúncio de morte: tom triste.
Dois golpes finais: morreu mulher,
três golpes finais: morreu homem.
A noite de Finados, mais triste ainda.
Toque a martelo: morte de criança.
Quando é preciso de ajuda:
como apagar um incêndio.
Todos sabem distinguir.
Eu conheço bem os tocadores.
Quando era pequeno,
começava tocar o sino,
corria os 400 metros
como uma lebre e dava tempo
de apanhar a corda e breçar...
devagar até pará-la.
Eu me dependurava,
balançava sobe-e-desce até parar.
Quando me perguntavam:
- O que vai ser quando ficar adulto?
Eu respondia a todos:
- Ora, o tocador de sinos.
Risadas à vontade.

L'aquilone

*Farlo bèlo, che el zole in alto,
he vol pratica.
Mi a gò provà:
no ze vegnu fóra gnénte,
solo me go sporcà de cola.
El zio Toni, el ga 'na man...
el ghe ne ga fato uno,
che el pare un aeroplano.
Me ga dito me zio: - Laselo stare
parché se seche la cola.
Lo go messo in granàro.
De nòte sogno l'aquilone,
e de mattina me sveio,
che me fá male el colo
da tanto vardar in alto.
Coro a ciaparlo... e...
nol ghe ze pí.
Pianzo che non finiso pi.
Le moreie le ga magnà,
la cola fata de farina bianca:
El zio Toni, el me fa el secondo,
ma quando lo fasso zolare
non ghe trovo pí gusto.
El primo amore,
ze l'ultimo che more,
nol se scorda pí.
El sogno del primo,
ze sta tanto mèio,
con la realtà del secondo.*

Papagaio

Fazê-lo lindo, que voe direito,
precisa ter prática.

Já experimentei:

não saiu nada,
só me sujei de cola.

O tio Antonio tinha prática...

fez um com capricho,
até parecia avião.

Meu tio me disse:

- Guarde-o sem usar,
até que a cola seque

Coloquei-o no sótão.

De noite, sonho com a pipa,

e de manhã ao acordar,

me dói até o pescoço,

de tanto olhar para o alto.

Corro para apanhá-lo... e...

não existe mais.

Choro até não parar mais.

Os ratos comeram

a cola de farinha branca.

O tio Antonio fez outro

mas, quando o faço voar,

não encontro mais prazer.

O primeiro amor,

é o último que morre,

não se apaga mais.

O sonho do primeiro

foi muito melhor

que a realidade do segundo.

El stramàzzo

*El serve par butar-se.
Fato de coton,
o anca de crine.
El géra la banca,
dove se scondeva,
tuti i schei sparagnà.
Se dormiva mèio,
savendo che sóto,
géra pien de schèi.
Quei pi furbi,
no ghe piaseva vedarli
scunti, fermi, missi via.
I li imprestava ai fessi,
e i ciapava anca boni interessi.
I schèi non se sconde pí,
i se move in giro,
pí i gira, pí aumenta.
Guadagnarli ze'na arte,
spénderli bem ze arte dupia.*

O colchão

Serve para deitar-se.
Feito de algodão,
ou também de crina.
Servia de banco,
onde se escondia
todo o dinheiro economizado.
Dormia-se melhor,
sabendo que em baixo
estava cheio de dinheiro.
Aqueles mais espertos
não os escondiam, parados.
Guardados à parte.
Emprestavam-no aos tolos,
e ganhavam os juros.
O dinheiro não se esconde,
movimenta-se, gira,
mais gira, mais aumenta.
Ganhá-lo é uma arte,
gastá-lo bem é dupla arte.

La cica

*El fumar stí ani.
Dal toscan romanelo,
al trinciato forte e le cartine,
tanti se faséa le sigarete.
Da le popolari, a le nazionali,
fin a le tre stelle.
Se gh'in comprava do o tre ala volta;
comprar un pacheto, ròba da sióri.
Quando un puchi de tósi,
ne inpisava una, dizeva un:
- Me deto 'na tirada?
La sigareta 'ndava de boca in boca.
Un 'altro: - Lasseme la cica.
Ghe géra anca, el re dele ciche,
Censi, conossudo da tuti.
Sachéto picà ne la cintura
paleto de scóa in man.
col ciòdo nela ponta.
El gavéa 'na precision,
par ciapar le ciche.
Tuti i lo saludava,
lu testa bassa,
ocupà nel sò lavoro,
nol ri.sponde a nessun.
Nate le sigarete col filtro,
par elo ze stá 'na disgrassia.
Senza lavoro el ze restà,
el ze morto, disocupà.*

Os tocos de cigarros

Fumar antigamente.
Do charuto *toscano*,
ao picado forte e papel-arroz,
muitos faziam os cigarros.
Dos *populares* aos *nacionais*,
até os *três estrelas*.
Só compravam dois cigarros cada,
comprar um maço, só os ricos.
Quando num grupo de moços,
acendiam um cigarro, dizia um:
- Me dá uma tragada.
O cigarro ia de boca em boca.
Um outro: - Deixa-me o toco.
Existia também o rei dos tocos,
Censi, conhecido de todos.
Saquinho pendurado no cinto,
cabo de escova na mão,
com prego fincado na ponta.
Tinha grande precisão,
para apanhar os tocos.
Todos o saudavam,
ele cabeça baixa,
ocupado no seu trabalho,
não respondia a ninguém.
Apareceram os cigarros com filtro.
Para ele foi uma desgraça.
Sem trabalho ele ficou
e morreu desempregado.

El vin

Che bon el vin.

- Maria, porta un quartin.

I nòstri: crinto e nostran^()*

i vini de ieri e doman.

Prodoto dei nòstri campi,

ròba fata in casa.

Non alzar massa el gùmio,

vá piàn, da cristian.

Alegria, sí, ma no de vin.

Chi beve massa, poaréto

ze malà el serveleto.

Quando el va a l'ostarià.

da solo o in compagnia,

va drito, strada pí curta.

Quando el torna a casa,

ze par la strada pí lunga,

a zig zag, par schivare

gnanca lù sa còssa.

Al luni, testa maca,

parché el ze cascà,

O massa el gá parlà,

e da qualcun le gà ciapà.

(*) Tipos de vinhos populares

O vinho

Que bom o vinho.
- Maria, traz um *quartin*
Os nossos *crinto* e *nostran*
Os vinhos de ontem e amanhã.
Produto dos nossos campos,
produto feito em casa.
Não levante demais o cotovelo,
vá devagar, como cristão.
Alegria sim, mas não de vinho.
Quem bebe demais, cuidado,
está doente da cabeça.
Quando vai à cantina,
sozinho ou com companhia,
vai direto, estrada mais curta.
Quando volta para casa,
e pela estrada mais longa,
a zigue-zague, para desviar,
nem ele sabe do quê.
Na segunda-feira testa marcada,
porque caiu,
ou falou demais,
e de alguém ele apanhou.

L'organeto

*Una volta al mèse
el vegnéa a sonar in paese.
El pareva un piano sóra do rode,
tirá da un musso vècio.
L'òmo gavèa i foglieti del destin
e le tóse vegnéa tirar la sorte.
El se fermava diverse volte,
el sonava dieze musichete,
che ricordava vèce ariete.
Le pí richieste le géra:
Serenata de Toselli,
Sóra le onde de Strauss,
El carnevale de Venessia,
"Beviamo, beviamo" da la Traviata.
Géra sempre cosa nova,
gnanca la radio, ghe géra alora.
Oroscopo tirà, en man
sperando se realisasse doman.
Dopo passà i'organeto
na settimana a sognar,
cantando le arie,
ch'el gavéa sonà.*

O realejo

Uma vez por mês,
vinha tocar na vila.
Parecia um piano sobre rodas,
puxado por um velho burrinho.
O homem tinha os folhetos do destino,
e as moças iam tirar a sorte.
Ele parava diversas vezes,
tocava dez músicas,
que lembravam velhas canções.
As mais queridas eram:
Serenata de Toselli,
Sobre as ondas de Strauss,
O carnaval de Veneza,
Beviamo, beviamo, da Traviata.
Era sempre uma coisa nova,
nem o rádio existia então.
Horóscopo tirado, em mão,
esperando que se realizasse amanhã.
Depois que passou o realejo,
uma semana a sonhar,
cantando as músicas
que ele tinha tocado.

Bestemiar

*l ze un difeto de tanti.
Anca senza volerlo,
vien el nervoso,
la bestémia scapa da la boca.
Studiando le persone:
i pí nervosi,
i meno intelligenti,
i adeti a la pressa,
i meno pazienti,
i senza educassion,
i meno rispetorsi.
quei che se dismentéga,
la paróla nel momento.
Ghe manca vocabolario,
non trova la paròla giusta,
lora vien la bestémia.
É pura distrassion,
parché nel core,
no ghe ze gnanca malìssia,
e anca ne la mente,
no se recorda pi gnénte.*

Blasfemar

É um defeito de muitos.
Também, sem querer,
vem o nervosismo,
a blasfêmia escapa da boca.
Estudando as pessoas:
os mais nervosos,
os menos inteligentes,
os adeptos da pressa,
os menos pacientes,
os sem educação,
os menos respeitosos,
aqueles que esquecem
a palavra no momento.
Falta-lhes o vocabulário,
não acham a palavra certa,
então vem a blasfêmia.
Por pura distração,
porque no coração
não existe nada de malícia,
e também a mente
não recorda mais nada.

El corpo umano

*La ze 'na opera prima,
la pí bèla che Dio ga fato.
Con servèlo tipo compiuter,
dirige alegria e dolore
pensa e agisse a volontà,
fa el ben e tuto bontá,
o anca fa el male,
se pentisse, torna normale.
El servèlo el ga do parte:
el drito move lã parté sanca,
del nostro corpo,
el sanco move la parte drita.
El córe famoso pien de ardore,
fonte de afeto e amore,
el ze apena 'na pompa,
che urta in volta el sangue.
Par le arterie el va,
e par le vene el torna.
Par ridere, movemo 14 muscoli,
far el muso; 72 muscoli.
Par economia, soridi a la vita.
Quarantasinque par sènto semo aqua.
El ga in tuto, 208 ossi,
e 640 muscoli.
Se te usi sta opera santa,
come el Signore comanda,
te vivi pí de sènto ani.*

O corpo humano

É uma obra-prima,
a mais bela que Deus fez.
Com o cérebro tipo computador
dirige alegria e dor,
pensa e age à vontade,
Faz o bem e tanta bondade,
ou também faz o mal,
arrepende-se, volta ao normal.
O cérebro tem duas partes:
a direita aciona a parte esquerda,
no nosso corpo,
a esquerda move a parte direita.
O coração famoso, cheio de ardor,
fonte de afeto e amor,
é apenas uma bomba
que impulsiona o sangue.
Para as artérias vai,
e pelas veias torna.
Para rir, movemos 14 músculos,
fazer cara feia, 72 músculos.
Por economia, sorri para a vida.
Quarenta e cinco por cento somos água.
Temos o total de 208 ossos,
e 640 músculos.
Se você usa esta obra santa,
como o Senhor manda,
pode viver mais de cem anos.

Requiem

*Ale sincue e mèsa dela matina,
con caldo o fredo,
lá nel coro de la ciésa,
Don Giovani a la drita,
Ricardo, el sacrestàn, ala sanca,
cantando a alta vosse,
sensa acompagnamento,
le Requiem par qualcun.
Na frase paruno,
tuto in latin sciéto.
Rare le persone presenti.
Ale sie, la Messa.
Le Requiem già géra triste,
e dopo no se capiva gnénte.
Fazéa ben pal morto
se fusse nel purgatorio.
Se fusse za in Paradiso,
faséa a ben ai altri,
a quei che no gavéa nessun,
che mandasse cantar le Requiem.*

Réquiem

As cinco e meia da manhã,
com calor ou frio,
lá no coro da igreja,
Padre João à direita,
Ricardo o sacristão à esquerda,
Cantando a altas vozes,
sem acompanhamento,
o Réquiem para alguém.
Uma frase cada um,
tudo em latim legítimo.
Raras as pessoas presentes.
Às seis horas, a missa.
Réquiem já era triste,
e depois não se entendia nada.
Fazia bem ao morto,
se estivesse no purgatório.
Se já estivesse no paraíso,
fazia bem aos outros,
que não tinham ninguém,
que mandasse cantar o Réquiem.

Lavatòi

*I géra usà da le poaréte
Un fosso vèrto,
con l'acqua corente,
da 'na parte de la strada.
Bèla, limpida, corendo
davanti al piàn inclinà
de cemento lissio.
Le dònne inzenòciá
lavava le so ròbe.
Sfregava e batéa.
Ghe géra diverse maniere
che mostrava alegria
o tristessa, malinconia.
Géra fássile identificare,
difisil ze spiegare.
Solo i zenòci, poaréti
nela piéra dura
restava tuti macà.
Penitenza de prete?
Ben pèso, ció.
Dopo i ga fato un lavatório.
Bélo, moderno,
con quatro vasche
el piàn inclinà
na altessa giusta
par le dònne lavar in piè...
Adeso ze diferente.
Le ròbe se lava in casa.
La lavatrice, te ciapa,
lava e suga.
Resta solo stirare.
El progresso, paróne.*

Lavadouros

Eram usados pelas pobres.
Um riacho aberto,
com água correndo
de um lado da estrada.
Bela, límpida, passando
em frente ao plano inclinado
de cimento liso.
As mulheres ajoelhadas
lavavam as roupas.
Esfregavam e batiam,
havia diversas maneiras
que demonstravam alegria,
tristeza ou melancolia.
Era fácil identificar;
difícil era explicar.
Só os joelhos,
pobrezinhos na pedra dura
ficavam todos marcados.
Penitência de padre?
Puxa, muito pior.
Depois fizeram um lavadouro,
belo, moderno,
com quatro tanques
o plano inclinado
na altura justa,
para as mulheres lavarem em pé.
Agora tudo é diferente
a roupa lava-se em casa
a máquina faz tudo,
lava e enxuga.
Resta só passar.
O progresso, donas.

La to strada

*La strada de la vita,
pol èssare curta o lunga,
dipende dal Signore,
ma anca dal modo de amare.
Te la fé lunga a volontá,
dipende da come la ze vissuda.
Nol ze un percorso segná.
Pol èssare solo piana e drita,
correre tanto o andar piànin,
ti te fé el to destin.
Te miti davanti “el savére”,
che te dá el modo de vùvare.
Te trovi alti e bassi,
tante curve ne la vita,
quanto la to maniera.
Te sventoli la to bandiera.
Pensa al finale de la vita,
pien de ben sia el risultato.
Ne la strada de la vita,
se va ‘na volta sola,
no se pol tórnar, né ripetere.
Na fermata final,
quel che ze sta fato, ze fato.*

A sua estrada

A estrada da vida
pode ser curta ou longa,
depende do Senhor,
mas também do jeito de amar.
Pode fazê-la longa, à vontade,
depende de como é vivida.
Não é um percurso marcado.
Pode ser só plana e reta,
correr muito ou passar devagar;
você faz o seu destino.
Põe na frente o saber,
que dá o modo de viver.
Encontra altos e baixos,
muitas curvas na vida,
quanto à sua maneira.
Agita a sua bandeira.
Pensa no final da vida,
que cheio de bem seja o resultado.
Na estrada da vida
vai-se uma só vez,
não se pode voltar, nem repetir.
Na parada final,
aquilo que foi feito está feito.

Politica

*Prima e durante la guerra,
ghe géra solo neri... (fascisti)
e i contrari ai neri.
Con la democrassia,
ghe ze de tuto.
Ne la nòstra faméja,
con sie che gérimo,
la géra spartia in 3 frassion.
Chi no ga leto:
Don Camilo e Pepone?
Anca a Giavenale,
ghe géra la imitassion:
Don Giovanni e Andrea.
I barufava sempre,
par la question politica,
par el resto, grandi amissi.
Adesso no ghe ze pí el rosso
con la sésola el martèlo.
I bianchi con la croce (demo-cristiani)
no i ga pí aversari
Resta solo de corrarghe drío...
ai biarichi sporchi.*

Política

Antes e durante a guerra,
havia só camisas-pretas,⁽¹⁾
e os contrários aos pretos.
Com a democracia,
temos de tudo.
Na nossa família,
com seis pessoas,
éramos de três partidos.
Quem não leu
Dom Camilo e o Pepone?
Também em Giavenale,
tínhamos a imitação:
o vigário João e Andrea,
estavam sempre brigando,
por questão política;
no restante, grandes amigos.
Não existem mais o vermelho,
com foice e martelo.
Os brancos com a cruz,⁽²⁾
não há mais adversários...
só resta correr atrás
dos brancos sujos.⁽³⁾

(1) Fascistas

(2) Democratas-cristãos

(3) Desonestos

Le strasse

*Sempre a go sentio dire:
- I schèi istá ne le strasse
Nel sacco de ròba vècia?
In casa dei poaréti?
In casa dei sióri, si.
Ne le banche in sitá; si.
Ma el strassàro dizèa:
- I schèi istá ne le strasse
Na volta, morta la vècia
i fióli i ga da tuto
a l'omo che passa e sbeca:
- ossi, strasse; fèro vècio.
Se lo dize, deve èssare vero.
I fióli i gá dito:
- Porta via ste strasse,
ze tuto tuo.
Ció, in mèso a le strasse
ghe géra schèi, tanti schèi.
I géra de la vècia morta
ma no dei so fióli,
che li scondeva lá
par nessun catarli.
Le strasse adesso ze sue,
i schèi fá parte de le strasse.
In considession a la vècia
ghe mando cantar le Requiem.*

Os trapos

Sempre ouvi dizer:

- O dinheiro está nos trapos

No saco de roupa velha?

Em casa dos pobres?

Na casa dos ricos, sim.

Nos bancos na cidade, sim.

Mas o catador de rua dizia:

- O dinheiro está nos trapos.

Uma vez morta a velha,

os filhos doaram tudo,

ao homem que passa e grita:

- Ossos, trapos, ferro-velho

Se ele fala, deve ser verdade.

Os filhos lhe disseram:

- Leva embora todos estes trapos.

- É tudo teu.

Puxa, no meio dos trapos

encontrou dinheiro, muito dinheiro.

Era propriedade da velha morta,

mas não dos filhos.

Ela o escondeu ali,

para ninguém encontrá-lo.

Os trapos agora são dele.

O dinheiro faz parte dos trapos

Em consideração à velha,

encomendou-lhe um Réquiem.

Late

*El ze bianco, el fá bem.
Stí ani a Giavenale
ale sinque de sera,
tute le dònè le andavan
pignàtela in man,
ne la latarià vissìn la ciésa.
Late se comprava lá.
e bisognáva andar torselo.
El géra late fresco de vaca,
dei nostri campi.
Late único, un tipo solo.
Uguale par tuti i putèi.
Tuti iguali davanti a Dio.
Unica diferenza géra:
I sióreti lo magnava col pan,
I poaréti invesse com la polenta.*

Leite

É saudável, faz bem.
Antigamente em Giavenale,
às cinco da tarde,
todas as mulheres iam
baldinho na mão,
à leiteria perto da igreja.
O leite comprava-se ali
e precisavam ir buscá-lo.
Era leite fresco de vaca,
dos nossos campos.
Leite único, um tipo só,
igual para todas as crianças.
Todos iguais perante Deus.
A única diferença era:
os ricos o tomavam com pão,
os pobres, com a polenta.

Bazar la reliquia

*Quando se comemorava un santo,
in ciésa ghe, géra una serimonia
piena de fede ma poco igienica,
far la fila par bazar la reliquia.*

*El prète, reliquia in una man,
pano bianco ne l'altra.*

*Lunga fila de fedeli,
un drìo l'altro, andando pianin.*

*Te rivi vissìn al prète;
el te mete a reliquia
ben davanti la to boca.*

*Un bazo, ben nei ciondolo,
coi labi pieni de fede.*

*Sùto el prète col pano
ghe da una sfregadela rapida.*

*Pi bazi, tanti bazi,
tante e tante netade.*

- Tuto ròba nóstra

- Bazi de fede non contamina

- Vale la pena risciarise?

- Par guadagnar cóssa?

Beijar a relíquia

Quando se comemorava um santo,
na igreja havia uma cerimônia,
cheia de fé mas pouco higiênica:
fazer fila para beijar a relíquia.
O padre, relíquia em uma das mãos,
pano branco na outra.
Longa fila de fiéis,
um atrás do outro, indo devagar.
Chegando perto do padre,
punha a relíquia,
bem em frente à tua boca,
Um beijo bem no círculo,
com os lábios cheios de fé.
Rápido, o padre com o pano
dava uma esfregada rápida:
Mais beijos, tantos beijos,
tantas e tantas esfregadas.
- Toda coisa nossa.
- Beijos de fé não contaminam.
- Vale a pena arriscar-se?
- Para ganhar o quê?

El óvo de legno

*Óvo de legno, no.
Óvo de galina, si.
Questo ze vero ancó.
Altri tempi passà,
ghe géra l'óvo de legno.
Pecato che le storie,
de sti ani no le ze tute contà
Tuto géra caro, anca i calsiti:
Misèria de pi e schèi de manco.
I calsiti géra
de coton o de lana.
I se sbusava sempre in parte definie.
Davanti del déo gròsso o
da drìo nei calcagni.
Butar via i calsiti sbusà,
gnanca pensarlo.
Alora le femene
gucia, filo e óvo de legno.
Se meteva l'óvo dentro nel calseto,
ben sora el buso.
Tira filo, passa filo
bem paralelo, vissìn.
Qua aiutava bem
el deale nel indise.
par non spunciarse el déo,
col culo de la gucia.
Dopo se incrozavan i fili
fin a non vedare pi l'óvo.
Se macavá su la tòla,
la parte tacona e...
tuto géra come novo.
Me divertiva a vedare.
Scapa l'óvo dal calseto
el vá par terra.
Nol se rompe,
mòstrando a ciàra e gema.
El ze de legno.*

O ovo de madeira

Ovo de madeira, não.
Ovo de galinha, sim.
Isto é verdade hoje.
Há muito tempo,
existia o ovo de madeira.
Pena que as histórias antigas
não são todas contadas.
Tudo era caro para comprar,
também as meias.
Miséria demais e dinheiro de menos.
As meias eram de algodão ou lã.
Furavam sempre em lugares definidos:
em frente ao dedo grosso e
atrás do calcanhar.
Jogar fora meias furadas,
nem pensar nisso.
Então as mulheres,
agulha, fio e ovo de madeira.
Colocavam o ovo dentro da meia,
bem sob o buraco.
Tira fio, passa fio,
bem paralelo, pertinho.
Aqui ajudava bem.
O dedal no indicador,
para não furar o dedo,
com o traseiro da agulha.
Depois cruzavam-se os fios
até não ver mais o ovo.
Batia-se sobre a mesa
a parte costurada e...
tudo era como novo.
Divertia-me olhando.
Escapa o ovo da meia
e cai por terra.
Não quebrava, mostrando... clara e gema.
Era de madeira.

La mécola

*La ze un atresso de cusina,
par missiare la polenta,
cusinando nel caliéro.*

*La usa la paróna,
par che la polènta,
solo ela sa farla.*

*Ghe vole brasso forte
a girare e rigirare
fin che tuto
ze mole, ze morbida.*

*Qualche volta diventava
un' arma de persuasion
par farse scoltare dai fióli,
ma anca serviva
par spetare el marìo,
quando rivava tardi,
con dei gòti in pí...
o gavéa saltá la siéza.*

O misturador

É um utensílio de cozinha
para mexer a polenta
cozinhando no caldeirão.
É usado pela patroa,
porque a polenta,
só ela sabe fazê-la.
E preciso braço forte
para girar e girar de novo,
até que tudo
fique mole, macio.
Algumas vezes virava
uma arma de persuasão,
para mandar nos filhos,
mas também servia
para esperar o marido,
quando chegava tarde,
com alguns copos a mais
e tinha pulado a cerca.

El buso de la gucia

*El ze un buso
come tanti altri.
No ció. El ze speciale.
Me nona me ciamava:
- Vuto ciapare sinque schèi?
Vien infilare el filo
nel buso de la gucia.
Bisognava lecarghe
la punta del filo.
Ne la gucia de lana
géra un colpo solo.
Ne la gucia fina
ben pí difisile.
Par quatro gucie
guadagnava vinti schèi.
Comprava dal boteghin
un sacheto de “frugolin”,
Me nòna gavéa i ociái
ma la tremava le man.
Ze tanto difisil che Gesù
ga dito: - Ze pí fàssile un
camelo passa nel buso
de una gucia, che el rico
entrare nel regno dei cieli
Poaréti i sióri.*

O buraco da agulha

É um buraco
como muitos outros.
Não é verdade, é especial.
Minha avó, chamava-me:
- Quer ganhar cinco centavos?
Vem enfiar o fio
no buraco da agulha.
Precisava lamber
a ponta do fio.
Na agulha para lã
entrava de uma só vez.
Na agulha fina,
bem mais difícil.
Por quatro agulhas,
ganhava vinte centavos.
Comprava no empório
um saquinho de restos de bolacha.
Minha avó tinha os óculos,
mas tremiam-lhe as mãos.
É tão difícil, que Jesus
disse: - É mais fácil
um camelo passar no buraco
de uma agulha, que o rico
entrar no reino dos céus.
Pobre dos ricos.

Bon principio

*Primo dí de l'ano novo
i putèi i ga el costume
de ciapare "quatro schèi".
Cóssa ze che i fà?
La da Giavenale i va a Schio.
Al sentro el grupo se separa:
Se encontremo en piàssa
a le ùndase in punto
Trim, trim, sona el campanelo.
La vien la paróna, o la sèrva.
Un sorriso vèrto, inocente:
- Bon principio, me dá schèi
Tuti i ani, ze cùssi.
Una palanca chi, sinque schèi là.
Toc, toc. Se bateva ne la porta
e sempre vegnea gente:
Bon principio, me dá schèi
Géra un contato semplice
ma l'ano se comessava cùssi
Un ato alegro; divertio.*

Bom princípio

Primeiro dia do Ano Novo
os meninos tinham o hábito
de ganhar alguns centavos.
O que eles faziam?
De Giavenale iam a Schio .
No centro o grupo se separava:
- Encontraremos-nos na praça
às onze em ponto.
Trim, trim, toca a campainha.
Ali vem a patroa ou a doméstica.
Um sorriso aberto, inocente:
- Bom princípio, me dá uns trocados
Todos os anos era assim,
cinco centavos aqui, dez ali.
Toc, toc. Batia-se na porta
e sempre vinha gente:
Bom princípio, me dá uns trocados
Era um contato simples
mas o Ano Novo começava assim.
Um ato alegre, divertido.

Pinocchio

*Ano 1933, bei tempi.
Go sete ani sonà,
ze ora de andare a scóla.
Imparare ze difisil
scrivar con la destra,
quando son sanco,
ma dopo tanto sforzo,
e tante sbachetà...
Vien l'ora de atension,
La storia de Pinocchio.
Collodi scrive sóra
Gepetto che ga fato Pinocchio.
un buratin de legno,
col naso ben lungo.
Originale, tuto inedito.
Quando la maestra leseva,
che silènsio ne la sala.
Prima tuto dedicassion
al alfábeta e tòla pitagorica.
par aver diritto
i ultimi diése minuti,
lezare un poco de Pinocchio.*

Pinóquio

Ano de 1933, belos tempos.
Com sete anos feitos
é hora de ir para escola.
Aprender é difícil,
escrever com a direita,
sendo canhoto,
mas com muito esforço
e muitos golpes de vareta
nas mãos...aprendi.
Vem a hora de atenção.
A história de Pinóquio.
Collodi escreve sobre
Gepetto, marceneiro, que fez Pinóquio,
Uma marionete de madeira,
com o nariz bem longo.
Original, tudo inédito.
Quando a professora lia,
que silêncio na sala.
Primeiro, toda dedicação
ao alfabeto e tábua pitagórica,
para ter o direito,
nos últimos dez minutos,
de ler um pouco de Pinóquio.

La stria

*Na volta géra meio,
i putèi no i spetava
i regali a Natale.
Epifania, sie de zenaro,
ze el dí de la stria.
Gnénte popá Natale,
la stria vestia de nero,
col capèlo a punta,
de savàte, tùta dispetenà,
zolava sóra una scóa.
Ela vegnéa zo dal camin
e impienava tuto
che ghe géra nel fogolare.
Recipieriti de tuti i tipi:
sachéti, sestèi e
calsiti...senza el buso
La stria géra bruta,
come l'orco de nòte,
ma tanto bona.
Quel che te volessi
la te lo portava...
solo èssare obediante.*

A bruxa

Antigamente era melhor:
as crianças não esperavam
os presentes no Natal.
Epifânia, seis de janeiro,
é o dia da bruxa.
Nada de Papai Noel,
a bruxa vestida de preto,
com o chapéu de ponta,
de chinelos, toda despenteada,
voava sobre uma vassoura.
Descia pela chaminé
e enchia tudo
que estava na lareira.
Recipientes de todos os tipos:
saquinhos, cestos e
meias...sem buraco.
A bruxa era feia
como o fantasma da noite,
mas muito boa.
Aquilo que sonhávamos receber,
ela trazia...
Bastava ser obediente.

La grandine

*Ciò, el tempo vien scuro
quanto pi in pressa
un odor strano, de fresco
taia l'aria e fá paura.
Ste atenti, lá vien tempesta.
No go mai savudo come...
lá in alto, ne le nuvole
se fabrica balete de giasso.
La doménega dei Rami,
tuti se porta a casa,
el rameto de olivo,
benedeto dal pàroco.
Deve èssare brusà...quando
ghe ze pericolo de tempesta.
Campane sonando in...
tuti i campanili intorno.
Candele impissà e orassion.
Succede che tuti fá cùssi
La grandine vien de sicuro
se no ze chi, ze là.
Giavenale? Maran? Zané?
Dove la cade ze un castigo,
chi scapa ze fortunà.
Alora come ze la storia?
Una parte se salva, ma...
no tuti quanti
Se parla de premio par alcuni
e...castigo par i altri,
Credare ze una storia...
piena de Fede, ma....
dove ze cascá el giasso
ze tuto roviná nei campi.
Chi ga l'assicurassion
sfrega le man e ride.
Ai altri resta la speranza
Che non vegna de novo
e se la ga da vegnere,
che vada un poco pí in là.*

Granizo

O tempo escurece
mais que depressa,
um cheiro estranho de frescor
corta o ar e mete medo.
Fiquem atentos, vem a tempestade.
Nunca soube como...
lá no alto, nas nuvens
fabricam-se bolinhas de gelo.
Domingo de Ramos,
todos levam para casa
um galho de oliveira
benzido pelo vigário.
Deve ser queimado...quando
há perigo de tempestade.
Sinos tocando em
todas torres em volta.
Velas acesas e orações.
Acontece que todos fazem isso.
A chuva de gelo vem na certa,
se não aqui, será ali.
Giavenale? Maran? Zané?
Onde cai é um castigo,
quem escapa tem sorte.
Então como é a história?
Uma parte se salva, mas...
não todo mundo.
Fala-se de prêmio para alguns
e...castigo para os outros.
Crer é uma história...
cheia de fé, mas...
onde caiu o gelo
tudo se perde nos campos.
Quem tem o seguro,
esfrega as mãos e ri.
Aos outros resta a esperança
que não venha de novo,
e, se tem de vir,
que caia um pouco mais adiante.

El gelataro

*Triciclo, unico de fato,
con do rode davanti
un casson in sima
someiava 'na barca,
pitturà intorno e scritto:
Gelati Costantini.
Sonava là trombetta: fon, fon.
I géra famosi de bòn
tante varietá, coi fruti.
Un curioso, ciuciando el gelato
el ga pensá al fredo.
Alora ghe domanda al gelataro:
- Cóssa fetu col fredo?
- Ben, mi cambio de merce,
dipende da l'ocasion.
Vendo frìtole calde
com la sardèla o la maresìna,
cusino le castagne lesse,
brustolo i marroni,
vendo, galete, straccaganàsse.
Durante la settimana
davanti la scóla e
la doménega, vissìn la ciésa
- Bravo, ció. Ti te fe ben,
vendi quello che te convien*

O sorveteiro

Triciclo, único de fato,
com duas rodas na frente,
um caixão em cima.
Parecia um pequeno barco,
pintado em volta e escrito:
Sorvetes Costantini.
Tocava a trombeta: fon, fon.
Eram famosos de tão bons,
muitas variedade com as frutas.
Um curioso, lambendo o sorvete,
pergunta ao sorveteiro:
- O que faz no tempo de frio?
- Bom, eu mudo de mercadoria,
depende da ocasião.
Vendo polpetas quentes,
com sardinha ou *maresina*⁽¹⁾
preparo castanha cozidas,
asso os *marroni*⁽²⁾
vendo amendoim e castanha-seca.
Durante a semana,
em frente à escola, e
no Domingo, perto da igreja.
- Bravo, você faz bem
vendendo aquilo que convém.

(1) erva aromática

(2) castanha graúda, cozida a seco.

Òro e fèro vècio

*Tempo de guerra,
primavera del quarantùn.
I òmini ze ciamá a
difendare la patria.
Adesso el governo, fascista
el vole: òro e fèro vècio
Fèro vècio tuti i ghe lo dá
messo in tuti i cantóni
Ze anca bom parché
ti te liberi el spazio.
Ma la vèra de òro,
simbolo de fedeltá
nessun volea darghela
ma ... enfin la ze andà
Darghela al governo...
o scondarla par nessun
savére che te la ghe.
Vèra nel déo anulare
géra segno de antipatriota.
In cambio i ghe ga dà
'na scìona de fèro...
che sùito la ze...
divertá tuta rùsene.*

Ouro e ferro velho

Tempo de guerra,
primavera de quarenta e um.
Os homens chamados
a defender a pátria.
Agora o governo fascista
quer ouro e ferro velho.
Ferro velho todos dão,
encontrado em todos os cantos.
É também bom,
porque livra os espaços.
Mas da aliança de ouro,
símbolo de fidelidade,
ninguém queria desfazer-se;
mas... enfim foi-se.
Doá-la ao governo...
ou escondê-la para ninguém
saber que existe.
Aliança no dedo anular
era sinal de antipatriota.
Em troca o governo deu
um anel de ferro...
que logo ficou
todo enferrujado.

Moda

*Pochi furbi ciamà modisti,
tanti bauchi ciamà copisti.
La moda é mobile,
come pena al vento,
cambia ogni momento.
A volte discreta,
altre volte stravagante.
Prima la vien presentà,
dopo vien la propaganda,
cominsia le prime dóne a usare,
dopo vien tute par comprare.
La vien, la passa in pressa,
te lassa co tanta ròba,
che te pol zugare fóra.
Anda fòra de moda é ridiculo,
no ze acompagnar el tempo.
Andar drìo la moda ze caro,
a vólte dólse, altre amaro.
Se te ghe giudissio, te se,
còssa va ben par ti.
A volte quello che la moda comanda,
nol ze fato par la to vita.
Fate la to moda personale,
de acordo coi schèi, col to gusto,
senza spendare tuto.*

Moda

Poucos espertos chamados modistas,
tantos outros chamados copistas.
A moda é móvel,
como pena ao vento,
muda a cada momento.
Às vezes, discreta;
outras, ousada ou extravagante.
Primeiro vem a apresentação,
depois vem a propaganda.
Vêm as primeiras mulheres a usar,
depois todas a comprar.
Ela vem e passa depressa,
deixa você com tanta roupa
que pode se desfazer.
Andar fora de moda é ridículo,
não é acompanhar os tempos.
Correr atrás da moda é caro,
às vezes fácil, outras amargo.
Se tem juízo, sabe
o que vai bem para você.
Às vezes aquilo que a moda comanda
não é feito para sua vida.
Faz a sua moda pessoal
conforme o dinheiro, o gosto,
sem gastar tudo.

Credo

*Orassion de la fiducia.
Credo nel Creatore,
in tuto quel che el gà fato.
Prima, Gesù morto,
ze andá tre giorni,
lá sóto ne l'inferno,
par una visita de cortesia.
No go mai capio,
stó ato de Gesù.
Che non pol èssare,
ze el diavolo in Paradiso...
El ben, visita el male,
ma el male nol va sù al ben.
Educató e cordiale,
con el nemico fatale
Adesso i gà modificà...
la mansion dei morti,
in basso, ma no a l'inferno.
Lucifero se ga separà,
ma el géra angelo,
che el Signore ga creà.
Bon, adesso go capio:
Dio, manda via el demonio,
e lu inferior obedisce.
El contrario, mai.*

Credo

Oração da confiança.
Acredito no Criador,
em tudo que tem feito.
Antes, Jesus morto,
foi por três dias
lá embaixo no inferno,
para uma visita de cortesia.
Nunca consegui entender
esse ato de Jesus.
O que não pode ser,
o diabo no Paraíso.
O Bem visita o Mal,
mas o mal não sobe ao bem.
Educado e cordial
com o inimigo fatal.
Agora modificaram
a mansão dos mortos;
embaixo, mas não no inferno.
Lúcifer separou-se,
mas era anjo,
por Deus criado.
Bom, agora já entendi:
Deus afasta o demônio
e ele, inferior, obedece.
O contrário, nunca.

Mèsa piena

*Presento 'na bòssa,
mèsa piena de qualcosa,
La ze 'na próva fàssile.
Uno dize:- La ze mèsa voda
l'altro :- La ze mèsa piena
La ze mèsa voda ?
Te si un pessimista,
cùssi, la to vita, ze vista.
Come te vidi la bòssa,
ze voda la to anima.
La zé mèsa piena ?
Te si un otimista,
frá i primi de la lista,
ga speranza, vede ciàro,
tuto dólse, gnénte amaro.
Vive con che resta,
come fusse sempre festa.*

Meio cheia

Apresento uma garrafa,
meio cheia de algum líquido.

É uma prova fácil.

Um diz: - Está meio vazia.

O outro: - Está meio cheia.

Ela está meio vazia?

Você é um pessimista,
assim a sua vida é vista.

Como você vê a garrafa,
é vazia a sua... alma.

Está meio cheia?

Você é um otimista,
entre os primeiros da lista,
tem esperança, vê claro,
tudo doce, nada amargo.

Viva com aquilo que sobra,
como fosse sempre festa.

Padre nòstro

Gesú el ga dito cùssi:

- Vuli pregare, allora disì:

Padre nòstro ...

Quando te rivi nel punto:

rimeti a noialtri

i nòstri debiti

Fermete, e pensa ben

de quela persona,

che te ghe tratà male.

Va siercarla adesso,

parleghe, scusate

faghe un sorriso,

e anca un abbrasso.

Còssa vol dire questo?

El ze el momento

pí belo de le preghiera.

Da le parole ai fati.

Torná la pace frá i dùi,

podì dire insieme:

- Così sia

El ze el modo pí giusto

de dire el Padre Nostro.

Pai nosso

Jesus falou assim:

- Querem rezar? então digam:

Pai nosso...

Quando chegar ao ponto:

perdoai as nossas ofensas...

Pára e pensa bem

daquela pessoa

que tratou mal.

Vá procurá-la agora

fale com ela, peça perdão,

dê um sorriso,

dê um abraço.

O que quer dizer isto?

É o momento

mais lindo da oração.

Das palavras aos fatos.

Voltando a paz entre os dois,

podem dizer juntos:

- Assim seja!

É a maneira mais certa

de rezar o Pai Nosso.

I emigranti

*Andare par el mondo,
fin a la terra de Colombo,
ze solo par i desocupà.
Ghe ze quei che ze tornà,
e quei ché vivé là.
Ricordemoli un pocheto.
Ginó e Mario in Svizzera,
Piero, in Francia,⁽¹¹⁾
Antonio e Guido, in Brasile,⁽¹²⁾
Antonio, in Africa del Sud,⁽¹³⁾
I sposi Basso, in Svessia.
I emigranti del paese,
i li ricorda con piassere.
Ghe ze una eccession,
che de fóra ze vegnú qua,
el bon e simpatico egissian,
com Maria ze restà
El dialeto i ga dismentegà
altre lingue i ga irnparà.*

(11) I ze restá nel paese adotivo.

(12) Idem

(13) Idem

Os emigrantes

Ir pelo mundo afora,
até a terra de Colombo,
é só para os desempregados.
Houve aqueles que voltaram
e aqueles que vivem lá.
Lembremos um pouco.
Gino e Mario na Suíça,
Pedro na França,
Antonio e Guido no Brasil
Antonio na África do Sul
O casal Basso, na Suécia.
Os emigrantes do lugarejo,
são lembrados com prazer.
Existe uma exceção,
que de fora veio aqui,
o bom e simpático egípcio,
com Maria ficou.
O dialeto eles têm esquecido,
outras línguas aprenderam.

El trato

*Tratar le persone come gente,
fa ben e no costa gnénte.*

*Fare una caréssa,
vale come una messa.*

*El ze un ato de amore,
ciàro come un raio de sole.*

*Maltratar ze pí in uso,
dar con le man nel muso.*

*Nel libro a go catà,
vintitré nomi, i ga dà
par definir sciàfa o sberla,
Stramusón o scapelòto.*

*Dare si ma non maltrattare,
gesto de bem, de amare:
vintitré carèsse, una sbèrta.*

*Cambiamo l'uso de le man,
carèsse...anca par el can.*

*Insieme un novo gesto:
invese de la streta de man,
una caréssa, bem pián,
serve como presentasion,
afeto, amore o passión.*

O trato

Tratar as pessoas como gente
faz bem e nada custa,
Fazer uma carícia,
vale como uma missa.
É um ato de amor,
claro como um raio de sol.
Maltratar é mais em uso,
dar com as mãos na cara.
Num livro encontrei
vinte e três nomes, dados
para definir tapa ou bofetada.
Dar sim, mas não maltratar.
gesto de bem, de amor:
vinte e três carícias, um tapa.
Mudemos o uso das mãos,
carícias...também para o cão.
Iniciemos um novo gesto:
no lugar de aperto de mão,
uma carícia, bem doce,
serve como demonstração,
afeto, amor ou paixão.

Stufar

- “Mi son stufo”
Ze la frase pí ripetua,
che se sente tuti i dí,
da tute le parti.
Èssare stufo, vol dire
...èssare pieno de:
avere magná massa,
la suocera che curiosa,
mete el naso in tuto.
El gran nòstro amico,
che intervien ne la intimitá,
e l bevitare che promete,
ma continua a bévare
El capo de faméja:
- Che se fassa quel ca digo.
ma non quello ca fasso -
La femena mobile,
qual pena al vènto,
L’operaio che com tanta devossion,
lassa pí rico, el páron,
El páron che vive faturando,
vede só le machine che gira.
Sempre el solito piato,
l’abito de tuti i dí,
el tempo fredo, de piova,
la cansón in voga,
ma pi de tuto, stufa,
sentir dire sempre:
- “Mi son stufo”.

Encher

- "Estou cheio".
É a frase mais repetida,
que se ouve todos os dias,
de todos os cantos.
Estar cheio, quer dizer
...estar cheio de:
Ter comido demais.
A sogra curiosa que
mete o nariz em tudo.
O nosso grande amigo,
que intervém na intimidade,
o beberrão que promete,
mas continua a beber.
O chefe de família:
- Que se faça o que digo,
mas não aquilo que faço.
A mulher volúvel,
como uma pluma ao vento.
O operário que com devoção
deixa mais rico o patrão.
O patrão que vive faturando
vê só as máquinas girando.
Sempre o mesmo prato,
o hábito de todos os dias,
o tempo frio, de chuva,
a canção em voga,
mas mais que tudo, enche,
ouvi dizer sempre:
- "Estou cheio".

L'elisir de lunga vita

Un vècio ga di to un dí:

*- Pie caldi, sempre,
testa sempre fresca,
magnar da cristiani
e bévare come le bestie*

Un altro solo ga dito:

- Vivare senza pensiéri

Un altro el ga mandà:

*El Conte Creppi de Milan,
invita par festegiare,
el so primo centenario.*

Segreto: Vivare com alegria.

Uno dize com sagessa:

- Gnénte alcool, gnénte tabaco

L'altro ancora: - Mi fasso

*tuto com moderassion,
evito la rabia e la passión*

El prète - Chi vive la Bibia,

*ga la vita piena de virtú,
e el vive tanto de pí.*

Elixir de longa vida

Um velho, disse um dia:

- Pés sempre quentes,
cabeça sempre fresca,
comer como cristãos
e beber como os animais.

Outro disse:

-Só viver sem preocupações.

Um outro enviou aos amigos:

O conde Greppi de Milão,
convida para festejar,
o seu primeiro centenário.

Segredo: - Viver com alegria.

Outro com sabedoria:

- Nada de álcool, nada de tabaco.

Outro ainda: - Eu faço

tudo com moderação,
evito a raiva e a paixão.

O padre: - Quem vive a Bíblia,

tem a vida cheia de virtudes e
esse vive muito mais

El balón quadrato

*Rivava Ia Befana
e anca sé el comportamento
fusse bom par tuti dùi,
mi ricevea regali
el me amico Antonio
parché poaréto, no,
Lo ciamava par aiutarme
a...dismontare i zugàtoli .
Na volta, anca lu
el ga meritá el regàlo:
Un balón de goma rossa
de camaradaria, colá
El géra un balón strano.
gavéa el formato
pí quadrato che rotondo.
Lassemo i me zugàtoli
e se gavemo divertii tanto.
Dandoghe un calcio
no el rispetava la diression
e andava par conto suo.
Géra divertio tanto, tanto.
El pí bel regalo.*

A bola quadrada

Chegava o dia de Reis
e mesmo se o comportamento
fosse bom para ambos,
eu recebia presentes,
o meu amigo Antonio
porque pobrezinho, não.
Eu o chamava para ajudar-me
a desmontar os brinquedos.
Uma vez, ele também
mereceu o presente:
Uma bola de borracha vermelha
de câmara de ar, colada.
Era uma bola estranha,
tinha o formato
mais quadrado que redondo.
Deixamos os brinquedos
e nos divertimos muito,
dando-lhe chutes.
Não respeitava direção
e ia por conta própria.
Era muito, muito divertido
O mais bonito presente.

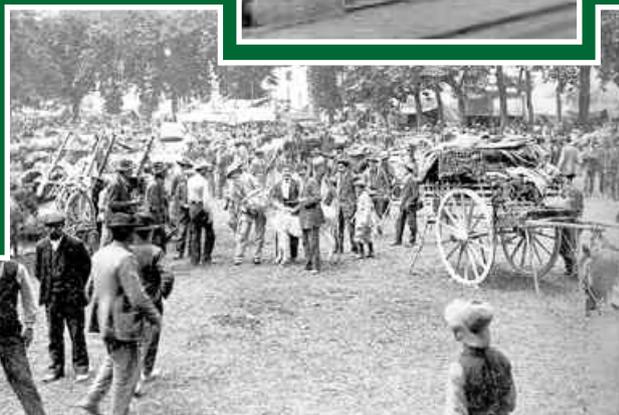
O autor

Guido Carli nasceu em Giavenale, Município de Schio (Vicenza), Itália, no dia 3 de julho de 1926. Veio para o Brasil em julho de 1950. Tem curso secundário industrial e em projetos de máquinas. Atualizou-se na profissão fazendo oito cursos semestrais na Escola Politécnica, na ABAQ e Escola de Engenharia Mauá. Participou de projetos industriais em empresas de porte como Cortume Franco-Brasileiro, Fundação Sofunge e Companhia Brasileira de Armas.

Casou-se em 1955 com a professora Enid Borba Carli, com quem tem dois filhos e cinco netos. De 1967 até 1987, o casal atuou como líder da Escola de Pais do Brasil.

Guido Carli aposentou-se em 1989, e hoje vive em uma chácara localizada em Campo Limpo Paulista, onde exerce atividades de agricultor, escritor e inventor. Em 1971, chamado pelo vigário da Paróquia São Bento em São Caetano do Sul, assumiu o projeto da nova igreja e Casa Paroquial, sendo responsável também pela administração. Iniciada em 1972 a obra, com 1.500 m², foi concluída em 1976.

Atualmente trabalha no livro *Terra Nativa* onde narra sua vida até 1950. Dentre alguns projetos inclui-se também o livro *Terra Adotiva* que atua as lutas como imigrante, no período que vai de 1950 até os dias atuais, e mostra a visão do Brasil visto com “olhos de fora”.



ISBN 85-86788-10-4

